



Jogos Florais do verão de 1937

N.º 761 — 7 — Agosto — 1937

Jornal
de
Angra



Pela Pátria! — Pelos Açores!

Ano V Angra do Heroísmo, 7 de Agosto de 1937 N.º 760

JORNAL DE ANGRA

Bi-semanário independente, defensor dos interesses regionais

Número especial

consagrado aos

Jogos Florais do

verão de 1937

Avulso : — 2\$50

Red. e Adm.

Rua do Conselheiro Jacinto Candido, N.º 1-A

Director, Proprietario e Editor

ARMANDO AVILA

Comp. e Imp.

Tip. Angrense, Rua de S. João, n.º 73 e 75

Por ordenação de Sua Graciosa Formosura, a Rainha dos Jogos Florais, se anuncia, Senhoras e Senhores, que o programa dêste espiritual torneio é como se segue:

Primeiramente o ilustre Presidente do Município, Senhor *Doutor Elmiro Mendes*, vos ha-de proferir uma alocução de abertura, indicando o significado e valor do certame.

E, em seguida, a gentil Dona, *Izabel de Oliveira Lima*, dirá uma saudação em verso, composta expressamente para êste dia, por desconhecido Poeta, que oculta modestamente o seu nome.

Depois, *Ramiro Valadão*, estuante de mocidade, de juvenil entusiasmo, ha-de falar-vos, em ditirambos, da Poesia, da Beleza e do Amor.

Então, seguir-se-à a apresentação das composições poéticas que o júri escolheu para prémios e menções honrosas dentre os concorrentes a êstes Jogos Florais.

Começa-se pela poesia filosófica, que obteve o *primeiro* prémio — a Rosa de Ouro — e que é subordinada a um tema em verso, previamente tornado público, continuando-se pela poesia nacionalista, escolhida para *segundo* prémio, e seguindo-se a composição «ad libitum», que mereceu o *terceiro* prémio.

A «Rosa de Ouro» coube ao Poeta que se esconde sob a divisa «Crisântemo azul» ;

O «Botão de Rosa», a «Legionário» ;

O «Malmequer» à divisa «Ditosa Pátria que tais filhos tem.

Seguri-se-à a poesia popular, da divisa «Maria» à qual coube o *quarto* prémio (caravela de ouro).

Tanto essas poesias como as que receberam menções honrosas, serão lidas, ou pelos seus autores, se o quizerem fazer, ou por gentis declamadoras, conforme Eu, Director do protocolo, irei anunciando.

Depois, numa rápida evocação do passado, serão lembrados alguns dos Poetas Terceirenses que em anteriores torneios também não foram esquecidos. Assim, a figura torturada e gentilissima do Doutor Manuel Antonio Lino, surgirá, ante a nossa comovida saudade, nos seus mais belos versos ;

a figurinha delicada e pequenina da Adelaide Sodré, que por entre nós perpassou quasi ignorada, e cujas mãos graciosas que desferiram suavissimos acordes da lira panteista se votaram depois ao serviço da caridade Cristã, dos pobres, dos velhinhos, das crianças e dos enfermos ;

o Doutor Henrique Braz, de requintada sensibilidade, coração eternamente enamorado da Beleza, e cujo nome nos evoca as mais belas horas de Arte desta nossa Terra Terceirense.

O Sexteto Vieira da Silva executará selectos números de música.

E, por fim, o senhor Presidente da Câmara proferirá algumas palavras de encerramento.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, o que será a festa.

finis

Laus D E O

(Lido pelo chefe do protocolo, Sr. Dr. Henrique da Costa Braz)



Monografia histórica dos Paços

A cidade de Angra do Heroísmo, capital do mesmo nome, sede do Bispado e do Comando Militar dos Açores, está situada a sueste da ilha Terceira, junto da pequena baía que lhe deu o nome.

A situação geográfica da ilha, a sua forma arredondada, facilitando as comunicações entre todos os pontos da sua periferia, a riqueza do sólo, abundante em pastagens para a criação de gados e apto á cultura dos cereais, a relativa segurança na baía, fizeram de Angra o porto militar dos Açores, onde as armadas da Índia se reabasteciam na volta e que navios de outras proveniências demandavam com intuitos comerciais. Nestas condições, rápido foi o desenvolvimento do pequeno burgo; vila desde o seu início ou pelo menos desde 1478, elevado a cidade por carta de D. João III, de 21 de Agosto de 1534 e a sede do Bispado por bula de 5 de Novembro do mesmo ano e carta régia de 11 de Outubro de 1535.

Poucas cidades portuguesas têm desempenhado um tão importante papel na história nacional como Angra do Heroísmo, que mais de uma vez exerceu uma acção decisiva nos destinos do país.

A sua heroica resistência ao domínio castelhano, a sua fidelidade ao partido de D. António Prior do Crato, que nela estabeleceu o seu governo desde 5 de Agosto de 1580 a 6 de Agosto de 1582, a forma como expulsou os espanhóis em 1641, só com os recursos próprios e sem qualquer auxílio estranho, valeram-lhe o título de *sempre lial* cidade, que D. João IV lhe conferiu: — "Hei por bem conceder á dita cidade de

Angra que se passe a nomear e tenha o título de sempre lial cidade, pelo haver assim merecido por sua muita lealdade com seus principes naturais,,," diz o Alvará de 1 de Abril de 1643.

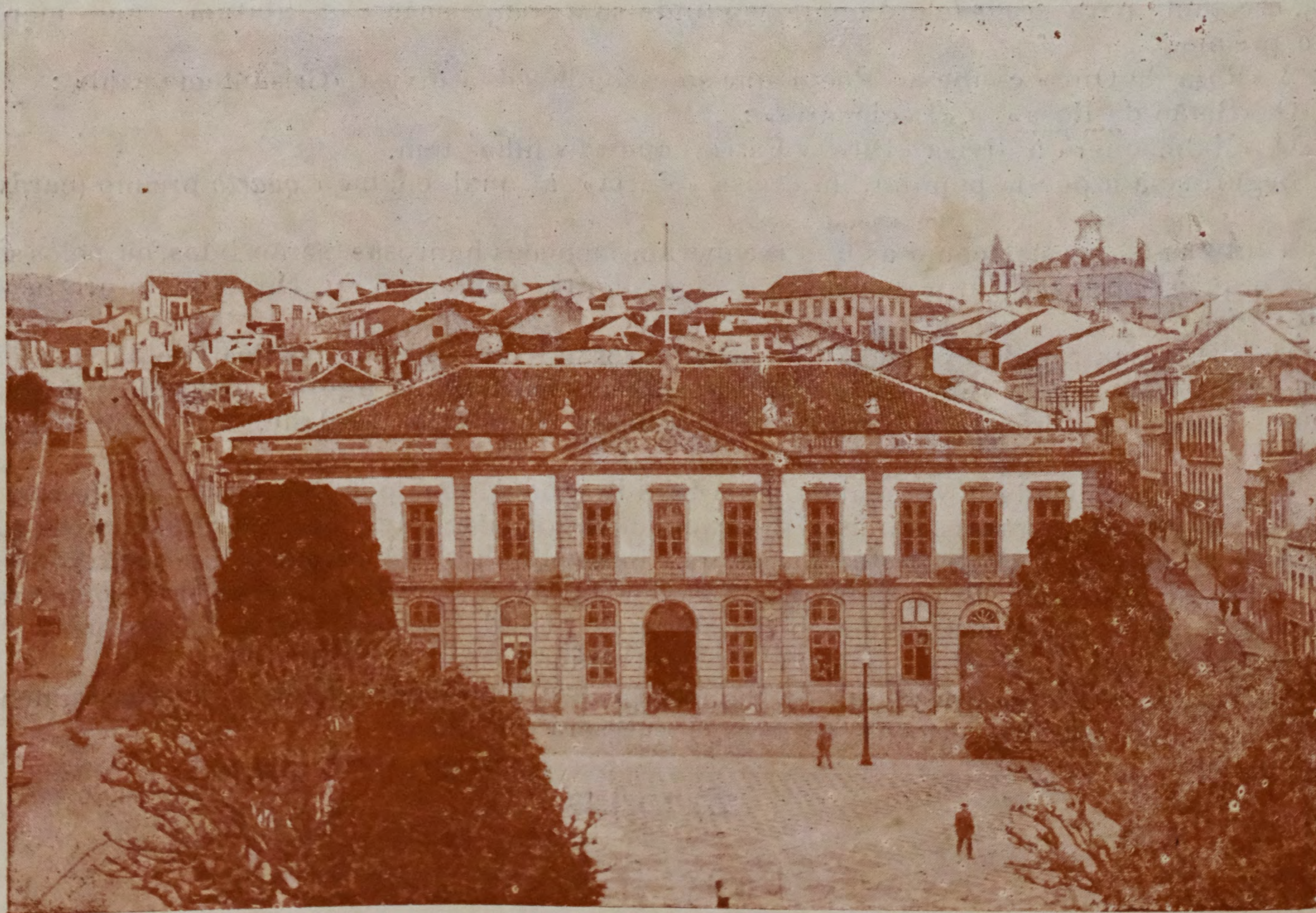
Mais tarde residência de D. Afonso VI, preso no Castelo de San João Batista, do Monte Brasil, de 21 de Junho de 1669 a 30 de Agosto de 1684, capital da provincia, sede do govêrno geral e residência dos capitães generais, por decreto de 30 de Agosto de 1766, sede da Academia Militar de 1810 a 1832,—Angra foi o centro e a alma do movimento liberal.

Tendo abraçado a causa do constitucionalismo, nela se estabeleceu em 1828 a Junta Provisória em nome da Rainha D. Maria II, e a capital do reino por decreto de 15 de Março de 1830. Em Angra organizou D. Pedro IV a expedição ao Mindelo e promulgou alguns dos mais importantes decretos de novo regime, como o que criou as Câmaras Municipais eleitas, o que organizou o exercito, o que aboliu as sisas e outros impostos, o que extinguiu os morgados e capelas, e o que proclamou a liberdade de ensino.

Para galardoar tantos e tão assinalados serviços, o decreto de 12 de Janeiro de 1837 conferiu á cidade o título de *mui nobre, lial e sempre constante cidade de Angra do Heroismo* e condecorou-a com a grã-cruz da Torre e Espada.

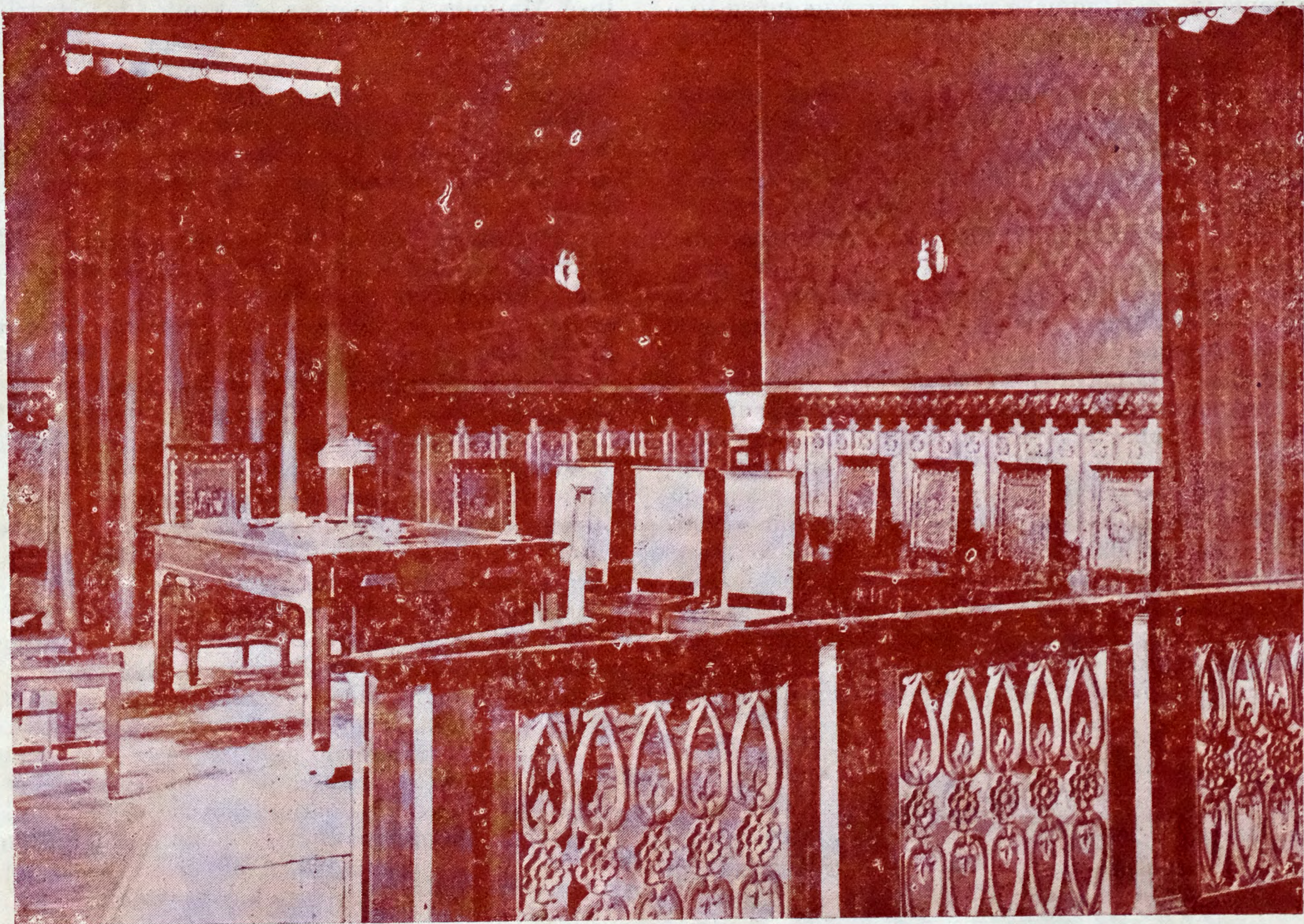
* * *

Teve a cidade por antigas armas "em campo de prata a cruz da Ordem de Jesus Cristo, vasia do campo, e ao pé dela dois açores de sua côr, olhando um para o outro,,."



O edificio dos Paços do Concelho

do Concelho de Angra do Heroísmo



A Sala das Sessões

Com o regime constitucional foram-lhe dadas outras armas: "Um escudo esquartelado, no primeiro quartel, em campo vermelho, um braço de prata armado com uma espada na mão; no segundo quartel, em campo de prata, um açôr da sua côr com as azas abertas e assim os contrários; sobre tudo um escudete com as quinas de Portugal; em remate a corôa ducal e por timbre o braço armado das armas."

O citado decreto de 12 de Janeiro de 1837 modificou estas armas que ficaram sendo as seguintes: — "Um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo vermelho, um braço de prata armado com uma espada na mão; no segundo quartel, em campo de prata, um açôr de sua côr e assim os contrários, e sobre tudo, um escudete com as quinas de Portugal e, em arame uma corôa moral e por timbre o braço armado das armas; em roda do escudo uma fita azul ferrete, saindo da parte inferior da corôa, com a tenção em letras de ouro — Valor, lealdade e mérito — tendo pendente a insignia de grã-cruz da antiga e mui nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e mérito."

No seu começo a vila de Angra tinha dois juizes ordinários, o primeiro presidente do senado municipal e encarregado da administração orfanológica, o segundo substituto do primeiro, encarregado de conhecer os feitos civis e crimes, três vereadores, um procurador do concelho e quatro dos mestres, um tesoureiro e um escrivão.

Pela elevação da antiga vila a cidade, ficaram os

seus moradores com todos os direitos e regalias das outras cidades do reino.

Em 15 de Maio de 1821, por determinação da regência, foi instalado na Câmara de Angra o governo constitucional provisório das ilhas dos Açores e, em 1 de Janeiro de 1831, começou a funcionar a primeira Câmara eleita organizada nas bases da reforma administrativa do constitucionalismo (decreto de 27 de Novembro de 1830), câmara de que foi presidente o Conselheiro Teotónio de Ornelas Bruges Avila.

* *

A tradição municipalista, ainda hoje tão viva na ilha Terceira, fez a Câmara Municipal de Angra como que o centro de toda a actividade social e política do concelho. Raro será o facto da história local em que a Câmara não tenha tido uma acção mais ou menos directa e importante e, bem se pôde dizer, que em todas as épocas, tem sido ela fiel intérprete dos sentimentos e das aspirações do povo terceirense.

Esta situação da Câmara de Angra contribuiu, sem dúvida, em grande parte, para que os Paços do Concelho houvessem sido sempre o mais importante edificio civil da cidade.

As mais antigas casas da Câmara estavam aproximadamente no mesmo local onde hoje se encontra e apenas um pouco mais á frente, formando o lado nascente da praça geralmente conhecida por Praça Velha, primeiro denominada dos Santos Cosme e Damião e depois da Restauração.

Por detraz do primitivo edificio corria uma viela

Monografia histórica dos Paços do

que o separava da Cadeia e punha em comunicação a Rua do Galo, actual Rua da Liberdade, com a Ladeira de San Francisco, hoje Rua de João de Deus.

Este edificio foi ampliado á custa daquela travessa que desapareceu, em 1610, ficando então no sítio onde hoje se encontra o Paço Municipal e alargando-se a praça. Era uma casa ampla, com andar nobre e rez-do-chão, onde existia a cadeia, janelas de frente e uma torre ao centro, com o sino que servia para convocar as reuniões da Câmara e dar o sinal de recolher. No ângulo setentrional havia a sala das audiências dos corregedores e juizes de fóra e no meridional a sala das sessões.

Em 20 de Março de 1847 resolveu-se substituir o velho paço municipal pelo que hoje existe e, em sessão de 14 de Junho de 1848, deliberou se começar a demolição que logo no dia seguinte foi iniciada. Segundo se vê da respectiva acta, o risco ou plano do novo edificio foi elaborado no Porto e, durante o tempo em que esteve em obras, a Câmara reuniu na antiga Casa da Guarda, edificio onde hoje está instalado o Hotel Central, para onde foram transferidas as repartições municipaes e o arquivo. Era ao tempo presidente da Câmara, Manuel José Pereira de Bettencourt, e eram vereadores Manuel Joaquim dos Reis, Joaquim

José Marques Guimarães, António da Silva Batista e Manuel Mendes Correia.

A grande alma dêsse empreendimento foi, porém, segundo afirmam os contemporâneos, o Comendador Antonio José Rodrigues Fartura, comerciante, que do Porto viéra anos antes estabelecer-se em Angra e que chegou a fazer abonos para as obras, do seu bolso particular.

No dia 11 de Agosto de 1849, aniversário da batalha da Praia da Vitória em 1829, procedeu-se, com grande solenidade, ao lançamento da primeira pedra do novo edificio. Assistiram á cerimónia o presidente da Câmara, Manoel José Pereira de Bettencourt, os vereadores, Marques Guimarães, Batista, Tomé de Castro, Estulano Inácio Parreira, Comendador Fartura e Tomaz José da Silva, o Governador Civil Antonio José Vieira Santa Rita, o comandante da Divisão Militar, Barão de Bastos, com o seu estado maior, o Arcediago Cónego Manuel Correia e Avila, o doutor Rodrigo Zagalo Nogueira, o Administrador do Concelho Francisco Lucio Duarte Reis, empregados públicos o muito povo. Fez a guarda de honra o regimento de infantaria 5.

No decurso das obras foram feitas ao projecto algumas mas ligeiras modificações, determinadas pela qualidade dos materiais de construção existentes na ilha. Como não apparecesse concorrente á arrematação da obra nas condições que para ela haviam sido estabelecidas, resolveu a Câmara fazê-la por administração, tendo gasto até concluí-la quarenta contos.

Em 1866, também no dia 11 de Agosto, foi inaugurado o novo edificio.

Era ao tempo presidente da Câmara o Conde da Praia da Vitória, e compunham-na os seguintes vereadores: Frederico Ferreira Campos, José Maria Parreira Coelho, João Alberto Rebelo, Antonio de Menezes Fagundes, Emidio Lino da Silva e Francisco Luís Frois, e Administrador do Concelho José Augusto Mendes.

Em sinal de rogosijo iluminaram nessa noite todos os edificios públicos e muitos dos particulares, e o comandante da divisão, general Barão do Rio Zézere, mandou tocar a banda regimental na Praça da Restauração.

Tem o edificio dos Paços do Concelho 36 metros de frente e 21 metros de fundo, com onze janelas na frente e sete de cada lado. O frontal tem esculpidas em alto relêvo as armas da cidade e, a coroá-lo, uma estátua a que serviu de modelo o cabo de uma campainha de prata, oferta de D. João IV ao municipio, que hoje se guarda na sala das sessões.

Tem a Câmara, entre outras recordações históricas, na sala nobre, que foi decorada em 1901, por ocasião da visita do Rei D. Carlos, um retrato a óleo da rainha D. Maria II, por ela oferecido á Câmara e enviado de Londres por mão do general Conde de Vila Flôr, depois Duque da Terceira, que o entregou em 12 de Outubro de 1829, aniversário de D. Pedro IV, sendo presidente José Jacinto Valente Farinha, mais tarde ministro e secretário de Estado, os retratos a óleo do primeiro e



As armas da cidade de Angra do Heroísmo

Concelho de Angra do Heroísmo

segundo Condes da Praia da Vitória e do Conde Sieuve de Menezes; a bandeira que, segundo a tradição, serviu na revolução de 22 de Junho de 1828 e foi a primeira bandeira portuguesa azul e branca, as varas dos antigos procuradores e juiz ordinário, um magnífico busto em bronze de D. Pedro IV, oferta da colónia terceirense no Brasil.

Além destes objectos guardam-se nos Paços do Concelho quatro chaves douradas que dizem ser as das antigas portas da cidade, — portões de San Pedro, San Bento, Alfândega e Praiça — e outros preten-

Nos baixos dos Paços do Concelho está a Biblioteca Municipal, composta de cerca de 9.000 volumes, fundada em 15 de Novembro de 1876 com o legado do Dr. Francisco Jerónimo da Silva, cujo retrato a óleo se vê na sala principal, e ampliada posteriormente com o legado do poeta açoreano Francisco Muniz de Bettencourt (Mendo Bem) e diversas aquisições.

Entre as estantes ha duas de jacarandá que pertenceram a Almeida Garrett.

Luiz da Silva Ribeiro

(Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, advogado e publicista)



O salão nobre da Camara Municipal

dem ser as chaves das portas do Castelo de San João Batista.

Segundo uma velha tradição, quando, na sexta-feira santa se realisava a procissão do Senhor Morto, que saía do Castelo para onde ia na véspera a imagem que se guardava na igreja do Convento de San Gonçalo, a abadessa recebia em penhor as chaves, que conservava em seu poder até a imagem lhe ser entregue. Estas ou outras chaves foram apresentadas a D. Pedro IV pelo Governador do Castelo José Antonia da Silveira Torres, quando aquêle rei chegou a esta cidade. O que parece certo é que são meramente simbólicas, pelo menos duas dessas chaves.

Tem ainda como recordações históricas os Paços do Concelho o primeiro prélo que houve nesta cidade, onde se imprimiram as ordens do exercito liberal e a Crónica Constitucional, a chave do cofre encerrado na base do monumento a D. Pedro IV (Memória), a carta régia que concedeu á cidade a Grã-cruz de Torre e Espada e as insignias desta ordem.

N. da R. — A monografia histórica dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo, que neste número especial do *Jornal de Angra*, inteiramente consagrado aos Jogos Florais do verão de 1937 e realizados por loavavel e mui simpática iniciativa da Comissão Administrativa da Câmara Municipal arquivamos, foi escrita em 1832 e destinada a comemorar, por parte do Município Angrense, o V centenário da descoberta ou colonização dos Açores.

Ninguém, com maior competencia e conhecimentos do que o distinto causídico e notável publicista, Sr. Dr. Luiz da Silva Ribeiro a escreveria, assim completa, digna de ser, quanto possivel, lida e divulgada.

Inserindo-a, prestamos ao ilustre chefe da secretaria da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo a homenagem sincera do *Jornal de Angra* pelo seu formosissimo e sempre joven talento.

Antes do

Como o Sr. Dr. Elmiro Mendes, ilustre sentou os Jogos Florais do verão de

Senhora, —

Rainha pela beleza,
pelos encantos e pela
graça, que do alto
do vosso trono pres-
sidis a êste Serão à
maneira antiga;

Senhoras e
Senhores :

Perdoai a dissonância da mi-
nha voz na harmonia da festa. É
apenas dever de officio de que eu
quizêra excusar-me se dado fôsse,
nesta hora de arte, deixar vaguear
o espírito, dôcemente levado ao
sabor da música e no encanta-
mento dos versos que vão lêr-se.

Hei-de roubar-vos apenas al-
guns minutos; serão poucos, por-
que anseio por ser espectador, e
escutar numa emoção discreta as
composições belas dos poetas,
nossos patricios, que dêram o seu
valioso concurso aos nossos Jo-
gos Florais; que permitiram reali-
za-los assim—conservando a tra-
dição brilhante que trazem de
anos anteriores.

Todavia seja-me permitido ex-
plicar-vos o concurso do Municí-
pio às Festas da Cidade, com êste
torneio. Partiu da intenção bôa de
mais valorizar a nossa Terra, aos
nossos próprios olhos, e, sobretudo,
aos daqueles que, vindos de tôdas
as partidas da Terra açoreana, nos
honrassem com a sua visita.

Sabem Vossas Excelências como
são fundas e tenazes as raízes afe-
ctivas que me prendem a esta glo-
riosa terra quinhentista que é a
nossa, e doi-me sempre a alma
quando não a sinto admirada por
todos aquêles que aqui vivem en-
tre nós e a quem recebemos com
aquela fidalga e gentil hospitalidade
que vem das nossas mais caras tra-
dições, essas tradições de que jus-
tamente nos orgulhamos e que são
outros tantos incitamentos a man-
ter a fama merecida de gente aco-
lhedora e bôa.

Não se surpreende com facilidade
a alma açoreana de multiplas e
contraditórias facetas. A insularida-
de, com o seu clima e isolamento,
deu-nos caracteres próprios, creou-



Dr. Elmiro Mendes

nos uma indiosincrasia especial e as
nossas reacções revestem singulari-
dades curiosas ao etnólogo, ao fi-
lólogo e até mesmo áquelles que são
um pouco observadores por dile-
tantismo.

Muita gente julga conhecer-nos
porque só soube, ou ponde, desco-
brir aquelas aparências, aquelas
exteriorizações menos complexas
da vida corrente, e, com generali-
zações apressadas, tomando muitas
vezes a nuvem por Juno, concluiu
que nós possuímos tais ou tais vir-
tudes, êstes ou aquêles defeitos.
Quási sempre são os nossos defei-
tos que mais atenção mereceram e
mais apregoados são.

E' freqüente ouvir-se verberar a
abundância das nossas festas, ma-
neira artificiosa e delicada de nos
qualificar de perguiçosos, esquecen-
do-se que a depressão do clima
traz a necessidade imperiosa de
compensar êsses dias de labuta,
que exigem um potencial de ener-
gias mais elevado, não para vencer

uma Terra hostil, mas para triun-
far na saturação comum destas
paragens.

A gente Terceirense serve-se
da terra ubérrima, dá-lhe todo o
amôr, toda a dedicação e todo o
esforço; péde-lhe o pão e o vinho,
afagando-a, sem a brutalizar, com
a delicadeza das almas panteistas
que sentem e vivem o espírito
dos seres inanimados. Sem almas
de escravos nem de tiranos, for-
mamos com a terra a verdadeira
comunhão do homem com a Na-
tureza-Mãe.

Aqui não há servos de gleba,
não êsses da meia-idade, mas dos
que ainda hoje se veem por êsse
mundo fóra.

Póde parecer a Vossas Exce-
lências que me transviava do pla-
no das minhas palavras nesta ho-
ra em que se deve falar da arte
poética em geral e dos Poétas em
particular; mas não, pois já que
não me dotou a Providência com
o dom magnifico de traduzir em
verso as minhas emoções, seja
nesta prosa vil e apagada, o hino
à terra bôa em que nasci, e fica a
guisa de prefácio do que vai di-
zer se.

São volvidos 13 anos desde úl-
tima vez que assisti aos Jogos Flo-
rais. O que me ficou na memória,
diluida em tantas outras recorda-
ções, foi a nota de espiritualidade,
de arte e de beleza.

Da bruma do passado emergem
algumas figuras, que me causavam
respeitosa admiração e que me é
grato recordar agora aqui, pois são
de dois amigos—um, Amigo Novo;
outro, Amigo Velho; um, em pa-
izes longínquos; outro, junto de nós.

O Amigo velho é — Vitorino Ne-
mésio; o Amigo Novo é — Luiz Ri-
beiro.

Embora afastado a êsse tempo de
labores intellectuais, vivendo uma
vida que pela sua própria natureza
se prende mais às cousas de maté-
ria que do espírito, senti-me funda-
mente impressionado, vibrando des-
conhecidas fibras da minha sensibi-
lidade. A esta distância no tempo,
revejo a festa como uma das me-
lhores que se fazem em Angra.

Mal sabia eu que havia de pas-
sar pelas amarguradas horas de

serão . . .

presidente do Município Angrense, apre- 1937, no salão da Câmara Municipal

quem, por força de especiais circunstâncias, tem de coordenar o esforço precioso de colaboradores. Vencer a inércia é sempre acção dolorosa, que exige energia, mas vencer outras resistências é preciso não sómente força de vontade, mas tenacidade permanente, de todos os instantes, numa tarefa inglória, árdua e estenuante.

E' fraqueza desistir da empreza começada, diz o Épico, e eu, por natural pendor, por índole e temperamento, não sou de molde a abandonar ideias, quando a consciência me diz que são boas e úteis, não só a mim, mas aos outros.

Tiveram os Municípes do ano de 1924 a sorte de ter como Presidente da Câmara o Doutor Henrique Braz, e eu, tenho-a hoje, achando nele aquela devotada e preciosa colaboração, que esperava da amizade com que me distingue há tantos anos. Não chegou ainda o momento dos agradecimentos, por isso para Ele e para todos que não só com gentileza, mas com verdadeiro sacrificio, permitiram que esta festa em projecto se transformasse na realidade que estamos vivendo, haverá o testemunho sincero da nossa mais viva gratidão.

As festas da cidade não estariam de acôrdo com as nossas possibilidades artisticas e culturais se não lhe déssemos uma parte consagrada às delicadas exigências do espirito.

E' preciso que nessa sucessão ruidosa de dias festivos haja uma nota de distinção. Foi esta nota que se pretendeu dar com os Jogos Florais de 1937. Se o conseguirmos, Senhoras e Senhores, fica compensada, generosamente compensada, toda a nossa actividade roubada às horas de repouso, de tranquillidade e de paz.

Para Vossas Excelências que são nossos hospedes, e tambem: para aqueles que, nossos conterrâneos, julgam mais limitadas as nossas capacidades creadoras de arte e beleza e as supõe privilegio de dois ou três, creando lendas de Artistas e de Sábios por excelência, perante quem todos se devem curvar reverentes, acatando em degradante submissão, os seus dogmas em ma-

téria de arte ou ciência, fica esta festa a demonstrar a verdade duma *Teoria* que me atrevi a enunciar, por intuição, e que a experiência, como vêdes, confirmou. Foi ousadia, foi audácia propôr-me, apesar de tudo, levar a cabo a ideia deste certame, mas a alegria de hoje fez-me esquecer tudo, para viver convosco, francamente, sem maus pensamentos, esta festa nossa, toda nossa.

Houve toiradas, as nossas alegres tardes do tradicional festejo, aquelas que são caracteristicamente terceirenses; as iluminações feéricas, nas ruas, nas praças e nos jardins.

A cultura fisica, os desportos, fôram brilhantemente representados no nosso Campo de Jogos. Por toda a parte a alegria estuante brotou dos limites que a vida corrente impõe, atirando se para o esquecimento as preocupações, os anseios, as esperanças de todos os dias, para se viver inteiramente a Festa Maior da cidade, jubilosamente.

Dias fugazes que é dado gozar a quem moureja durante o ano inteiro; horas descuidosas que se conquistaram como prémio bem merecido.

Não acabam aqui as festas, pois a Ilha Terceira, centro de cultura intelectual, tem ainda um dia consagrado aos prazeres do espirito.

Não parámos embevecidos a olhar o passado, a invocar a Tradição; se a Ela aludimos muita vez é para que nos fortaleça a fé num porvir menos obscuro; para que nos retempere a alma e dê aquelas energias que Anteu da fábula encontra na Terra que lhe dá a vida.

Foi a nossa cidade a capital das letras açoreanas e afamada nas suas Escolas onde leram os mais claros espiritos doutras eras.

O Convento de S. Francisco, o Colégio dos Jesuitas, e a Academia Militar do Castelo de S. João Batista viram passar nas suas catedras, como mestres, e nas aulas, como escolares, os mais preclaros vultos que hoje pertencem à galeria de honra dos escritores e cientistas de fama.

Um concurso de circunstâncias politicas trouxe, no século passado, a esta nossa Terra, dos mais belos

espiritos, que aqui deixaram fama e proficuos resultados do seu saber.

Com o romantismo integramo-nos nessa corrente cultural acompanhando sempre, com extraordinário poder de assimilação, os novos cânones da arte.

Não desdenhando o fortalecimento do corpo, procuramos sempre atingir esse ideal equilibrio que foi o principio mais fecundo do espirito helénico.

Outrora, na antiga Grécia, os Jogos Olimpicos, completavam-se com concursos poéticos; agora, á imagem e semilhança desses que haviam descoberto o verdadeiro sentido da vida, procuremos tambem esse justo equilibrio do espirito e da matéria. Formemos uma natureza humana completa, sem violentarmos uma ou outra parte desse todo harmonioso que é o homem.

Eis a razão dos Jogos Florais, e porque surgem no programa das Festas.

Revivamos agora a época gentil dos trovadores. Temos como eles a nossa graciosa Dama; e, furtando a nossa imaginação a todos os anacronismos, recuemos no tempo alguns séculos. Assim, o prazer será maior, e mais vivo. Se não domina a poesia do amor, temos a das gestas dos homens de armas; cantam-se aqui as nossas glórias, pois um dos motes foi nacionalista.

* * *

Poetas desconhecidos, que se esconderam sob graciosas divisas, deram a sua melhor contribuição. Para eles vai a nossa melhor homenagem e se não os podemos coroar com rosas e mirtos, como nos tempos gentis da cavalaria, damos-lhe a nossa admiração e reconhecimento como o melhor, o mais valioso dos prêmios.

Os poetas são, como disse alguém, verdadeiros bemfeitores da humanidade.

Esta festa, Senhoras e Senhores, que é um encanto para os olhos e uma alegria para a alma, é para vós.

E agora, para terminar permiti

(Conclue na página seguinte)

JOGOS FLORAIS

I

*Nêste salão de nobres tradições,
Decorado com arte, entendimento,
O estro do poeta, o pensamento,
Vai brilhar nas mais lindas florações.*

*Estes Jogos, — florais no sentimento,
Anseios de alma em belas expansões,
São odes inspiradas, ou canções,
Que a Musa vai cantar nêste momento.*

*Ha séculos, que em França, uns trovadores,
Dos mais insignes vates de Tolósa,
Dêstes Jogos tiveram prima ideia;*

*E, anualmente, em Maio, o mês das flôres,
Em certâmes de trova bem famosa,
Sua lira fascina e sempre enleia.*

II

*Antigamente, a nossa fidalguia,
Nos salões e á beira dos conventos,
Glosava os mais belos pensamentos,
Com pericia, finura e cortezia.*

*Poétas, pela raça, ou seus talentos,
Nos Açôres, tem tido a poesia;
Que em rimas de suave melodia,
Possuem, do estilo, os ornamentos.*

*Vós, Rainha: que o sois da formosura,
Ou, Minerva, uma deusa singular,
Radiante de graça e de belêza...*

*Dái hoje ás vossas damas a ventura,
De ouvirem os donzeis a poëtar,
Cantando-lhes os dons da naturêza!*

Angra do Heroísmo, Junho de 1937

Crisântemo azul

que em breves palavras vos diga a história simples dos Jogos Florais...

Numa das mais poéticas e encantadoras cidades do sul da França, em Tolosa, em tempos recuados, no século XIV, juntaram-se, afins pelo ideal, sete trovadores, para falarem sobre a poesia.

Poetas, espiritos delicados, deram um nome cheio de graça ao local das suas reuniões — *Colégio do Saber Alegre*.

E, uma vez, tiveram a fantasia de fazer uma chamada «aos honrosos Senhores, amigos e companheiros que possuem a ciência donde nasce a alegria, o prazer, o bom senso, o mérito e a delicadeza».

Convocaram, desta maneira, aquêles que se dedicavam á arte de poetar para uma reunião no mês de Maio, sob as árvores umbrosas e frescas, propicias ao devaneio.

Uma flôr bela, mas modesta como as suas almas — uma violeta de

O discurso do Sr. Dr. Elmiro Mendes

(Conclusão)

oiro — devia ser concedida ao que apresentasse a melhor composição.

Pelo tempo fora prosperou o Colégio da Alegre Ciência, de tal sorte, que se elaboraram Estatutos Especiais chamados as *Leis do Amor*, em que se consignavam os deveres e obrigações dos seus membros, que se designavam pelo nome de *mantenedôres*.

Mais tarde, com o desenvolvimento sempre crescente dos companheiros, aumentou-se o número de flôres simbólicas, acrescentando-se á violeta, a rosa silvestre e o amaranto.

Por varias vicissitudes passou tão inocente e admiravel corporação.

Não sei se a França mantém agora a tradição tão digna do seu

passado glorioso; o que sei e me é agradável dizê-lo, é que Portugal, filho espiritual da Provença, renovou êste ano com grande sucesso os Jogos Florais da Primavera.

E' sintoma a registar que nesta Hora de tanta perturbação, num cantinho magnifico do velho continente se possa, numa doce paz, ouvir os Poetas cantar as mais puras e mais sãs alegrias da vida.

Conclui, finalmente, Rainha e Senhora minha, a alocução que o vosso programa anunciou.

Perdoai, mais uma vez, a pobreza dos conceitos e a fealdade da forma. Assunto tão belo merecia outra expressão, menos descolorida do que esta; mais de acordo com o que vai ouvir-se.

Senhoras e

Senhores:

Perdoai, também, o tempo que furtei á vossa curiosidade. O serão vai começar.

POESIA FILOSÓFICA -- 1.º Prémio

Mote

A desferir o espaço, em anseios profundos,
Minha alma em nostalgia, ávida de saber,
Banhrou-se em luz astral, no turbilhão dos mundos,
Para ver o que foi e o que poderá ser.

Glosa

I

Num extase sublime, em súplica clemente,
Desejando alcançar o roteiro dos mundos,
A minha alma evolou-se, apressada, fremente,
A desferir o espaço, em anseios profundos.

II

Nêste céu de sfira, onde reinou Osíris,
Vai errando feliz, sem já a terra ver,
A' linda luz de sóes, da côr do arco-iris,
Minha alma em nostalgia, ávida de saber.

III

Da lira universal, em acordes divinos,
Ouve a bela harmonia e sons belos, jocundos;
E deslumbrada, alfim, por astros opalinos,
Banhrou-se em luz astral, no turbilhão dos mundos.

IV

Vê globos que tem vida e esplendôr inefável,
E outros que só a tem no seu alvorecer:
Assim lhe dava Deus poder grande, notável,
Para ver o que foi e o que poderá ser.

Crisântemo Azul

(Cap. Antonio Maria da Silva Mendes)

(Poesia lida pela Sr.ª D. Izabel de Oliveira Lima)

POESIA NACIONALISTA -- 2.º Prémio

Mote

Lusitanos, herois de uma epopeia
Argonautas de gestos sublimados,
Ousaram ter um dia a magna ideia
De ligar dois países bem fadados
Por ares nunca dantes navegados.

Glosa

Terra de Ulisses, dona já do mar,
quiz ter a supremacia sôbre o ar.
Valente como quem nada receia
e donde tem saído a pelejar,
“Lusitanos, herois de uma epopeia,,

Aspirou inda mais. Sônho romantico! ?
Talvez quiméra! ? Não. Passar o Atlântico.
Ir, sem sulcar-lhe as águas. Esforçados,
inspirados no mais notável cântico,
“Argonautas de gestos sublimados,,

Dando satisfação á Terra-Mãe
de famosos varões, como ninguém
com direito ao diadema que a rodeia,
Coutinho e Sacadura em pró do Bem
“Ousaram ter um dia a magna ideia,,

de mais aproximar velhos Estados,
unindo-os em amplexo formidável.
Quizeram similar — seres alados —
no anseio patriótico — louvável —
“De ligar dois países bem fadados,,

Sublime! Colossal foi a vitória
da Pátria portuguesa. A maior glória
dos nossos marinheiros arrojados.
Azas fortes — eternas na História —
“Por ares nunca dantes navegados,,

Legionário

(Alvaro de Castro Menezes)

(Poesia lida pela Sr.ª D. Maria de Lourdes Peregrino Flôres Bruges)

A LADEIRA DE SAN FRANCISCO (ad-libitum)--3.º Prémio

Ladeira de San Francisco,
cheia de vida e de amôr,
teatro do namorisco
da mocidade em flôr!

Faz de ti seu relicário
da gente moça o bulício,
tua c'rôa — é um santuário —
linda praça — o teu início.

Vão orações para o Céu
dos moinhos que ha ao lado,
despertando em nosso eu
recordações do passado.

A êsses teus predominantes

baluartes do ensino,
as vozes dos estudantes
são perene e estranho hino.

Rapazes e raparigas,
alegres como andorinhas,
soltam no ar as cantigas, —
— os ditos, — as adivinhas...

Assim -- vivendo enlevada
em amôr, capa e batina,
oh! mocidade doirada, —
como é bela a tua sina!

Bem poucas ruas encerram
tanta beleza p'ra mim,

ambiente, aonde erram
as fragrâncias dum jardim.

Do sol batida a ladeira
ou sob a chuva irritante,
deixa sempre alegre esteira
a capa dum estudante.

A alma portuguesa estua
dêsde o fim ao teu começo,
ês tu a mais feliz rua
das ruas que eu conheço.

Ladeira de S. Francisco!
cheia de vida e de amor,
têatro do namorisco
da mocidade em flôr!

“Ditosa Pátria que taes filhos tem,,

(Manuel Francisco de Andrade)

(Poesia lida pela Sr.ª D. Judite de Azevedo Costa)



Capitão António Maria da Silva Mendes

Nas faldas verdes da serra, a mais elevada da ilha, se agrupam, abrigam e abeiram casaes, fulgindo a alvura impecável na tonalidade rústica da campina onde, a esta hora estival, ondeiam suavemente as loiras messes, como mar de espigas manchadas pelo sangue rubro das papoulas singelas.

A' roda e ao longe apascentam rebanhos e ninhadas, cantam pássaros e pastores, bate o malho nas bigornas, corta a serra na oficina, estronde o machado nas matas, bate a enxada nas leiras, entoando, em admirável concerto, o hino do trabalho, na paz doce e tranqüilizante de um povo crente.

Santa Bárbara — viveiro de ordem, honestidade e labor — foi a primeira paróquia que Jácome de Bruges criou na jurisdição da cidade, e que logo se desenvolveu, de tal modo, que seria vila, se quizesse ter sido, contentando-se, apenas, em apresentar magníficos frutos da sua

Um poeta desconhecido

educação, do seu adiantamento moral, no número e qualidade de seus filhos que, em todos os tempos, teem occupado honrosos cargos, desempenhando-os com invulgar competência e brilho.

A excessiva e natural modéstia, que é característica natural desta importante freguesia, se reflete nos seus naturaes e se nota, acentuadamente, razão porque muitos se desconhecem. Não citarei nomes que floresceram em épocas anteriores, como o morgado Alexandre Borges da Costa, cavaleiro da Casa Real, e o professor José Mendes de Sousa, auditor administrativo, onde entroncam as mais distintas famílias dali, dispersas por tôda a parte de Portugal e Brasil, porque os não comportaria esta página; mas apontarei, dos novos, alguns que se distinguem, como o Coronel Fernando Borges, deputado ás Constituintes, o Coronel Gomes da Silva, Governador Militar dos Açores, o Capitão Domingos Borges, Governador Civil e Presidente da Junta Geral, Dr. Joaquim da Rocha Alves, médico-cirurgião, antigo Presidente da Câmara e Governador Civil Substituto em exercício, João Baptista Mendes, farmacêutico e director da Caixa Económica da Praia, Dr. José Correia Bretão, provedor da Santa Casa e notário naquela vila, onde paroquiou e morreu santamente o grande padre Rocha de Sousa, modelo exemplarissimo de virtudes.

O que ninguém sabia, e a mim cabe o honroso encargo de divulgar, aqui, é que a freguesia de Santa Bárbara, exemplo edificante de trabalho, conta no número dos seus filhos ilustres, um literato muito fino, muito modesto e muito culto, prosador e

poeta de raro merecimento, — o capitão António Maria da Silva Mendes, — ex-comissário da Policia Civica e antigo presidente da Junta Geral do Distrito, filho do grande educador da mocidade, o professor Mendes de Sousa, Juiz Auditor.

Já em 1934 o capitão Mendes havia concorrido aos Jogos Florais realizados pela Câmara. Como membro do jury que classificou as provas, o descortinei, apesar de todo o cuidado, até á substituição do nome próprio pelo de uma pessoa de família já falecida. Confessou-me a autoria, negando-se a receber o prémio e recomendando-me sigilo que fielmente cumpri.

Este ano, porém, nenhuma responsabilidade tenho nos Jogos Florais e nenhum compromisso tomei; razão porque venho romper o domínio de pura seda que oculta o nome do primeiro classificado nos Jogos Florais de 1937, o poeta António Maria da Silva Mendes, homem de espirito culto e coração bondoso, onde se refletem, nitidamente, os primores duma educação sã, antigo companheiro das lides jornalísticas na redacção do bi semanário ABC, onde colaborava sob pseudónimo, com interessantes crónicas.

Quebrou-se, finalmente, o silencio que havia á roda do primeiro premiado. Vai surpreendê-lo este gesto espontaneamente praticado por quem mais do que ninguém, conhece o valor do Capitão Mendes. Que êle me perdoe. Que Santa Bárbara, orgulhosa pela honra de seus filhos, registre nos seus anaes mais esta glória.

Gervásio Lima

Aquelas Rosas

*Junto de mim há duas rosas brancas
Que meu olhar namora, enternecido;
Sem perfume nenhum, sem colorido . . .
O que me prende áquelas rosas brancas?*

*São lindas na verdade; muito brancas,
O seu tom marfinico, casto, esmaecido,
Mas teem um ar agreste, sacudido
Gelado e mau — aquellas rosas brancas.*

*E que pétalas finas! que nobreza.
Em seu aspecto heráldico de alteza,
Sem vassallos nem reino p'ra reinar.*

*Serão talvez rainhas destronadas
Aquelas rosas brancas, desmaiadas,
Por onde anda esquecido o meu olhar . . .*

ADELAIDE SODRÉ

(Soneto lido pela Sr.^a D. Lucínia de Oliveira)

A MORGADINHA

No soturno solar dos Cantos, certo dia,
um dia de bocejos
que desmaia, transido. Até o ar arrepia
na sala de azulejos.

Na tibia claridade os móveis marchetados
têm aspectos enormes ;
nos amplos tetos, de oiro e teca, apainelados,
há monstras multiformes.

Num assento ancestral, ebúrneo, de espaldar,
os pés sobre o escabêlo,
pensativo, e morgado anela de-vagar
a neve do cabelo.

... Um *servo* descobrira, a trôco de mercês,
de surpresa, à noitinha,
que um mercante estrangeiro, esbelto moço inglês,
falava à morgadinha.

Era um idílio casto, o doce dealbar
duma manhã de amor...
Mas no velho morgado o orgulho secular
reftera de horror.

Vôa no seu olhar a sombra dum desgosto...
Febril e recurvado,
vinca-lhe duramente, às vezes, o seu rosto
a nuvem dum cuidado.

Cêrca, tamborilando a caixa do rapé,
um frade crúzio, obeso,
que soubêra domar, pela ascese da fé,
o coração ileso,

murmura : — “Aquele amor, em vórtice resvalo,
que a morgadinha enlça,
deveis, senhor, à-pressa ungi-lo em *São Gonçalo*...
E que linda noviça !...”

E a morgadinha escuta, arfando, atrás da porta.
... O amor, apenas nasce,
logo agita nos céus o sonho que o transporta
mas, súbito -- desfaz-se !

E' como a cambiante espuma de sabão
que esvoaça, irisada,
e o sôpro mais subtil roja e reduz no chão
a sombra, a pó, a nada...

E a morgadinha escuta, arfando, atraz da porta,
como pomba transida
que, ferida, vôa ainda e a voar mal suporta
a asa espavorida.

Na penumbra rebrilha o seu cabelo de oiro.
Nos olhos tem a luz,
duma calma doçura e num engaste loiro
dum olhar de Jesus.

Alheia àquela angústia a noite, mansamente,
pouco a pouco adormece,
ao rumor envolvente
duma aflitiva prece.

E a morgadinha escuta, orando, atrás da porta...
Mas. súbito, num ai,
treme, vacila e cai,
como uma fôlha morta...

Uma réstia de luz nimba de argênteo halo
a jacente donzela.
Repica madre Paula o sino em *São Gonçalo*
e abro mais uma céla.

É que o velho fidalgo, evocando a altaeira
raça e fé que o sustinha,
resolvêra vestir o hábito de freira
à loira morgadinha.

Angra do Heroísmo, Dezembro de 1935.

HENRIQUE BRAZ

(Poesia lida pela Sr.^a D. Licinia de Oliveira)

Damas de honôr

Da esquerda para a direita e de cima para baixo

As Sr.^{as} D.^{as} Maria Luiza Rebelo Raposo,

Maria Odette Vaz Freitas,

Maria Leticia da Costa de Carvalho Mourato,

Maria de Ornelas Bruges,

Clemencia das Neves Pato François,

Margarida Maria de Castro Parreira Coelho,

Izabel Maria Lourenço Rocha

e Maria Luisa Ourique Amaral



Damas de honôr

Da esquerda para a direita e de cima para baixo :

*As Sr. ^{as} D.^{as} Maria Sensitiva Machado Soares
Linhares de Melo Correia,
Judite de Azevedo Costa,
Cristiana da Conceição Soares,
Maria Antonieta Braz Ramos Corte-Real,
Maria das Mercês Parreira Lestinho,
Antonieta Belo Pamplona,
Maryvone Antonieta Pinto Reis
e Germana Rosa Pimentel*





Doutor Manuel Antonio Lino

Tive a dita de travar amizade com o Doutor Manuel António Lino; de ser recebido na sua casa; de apreciar o seu convívio; de admirar as excelsas qualidades do seu carácter, as suas precláras virtudes cívicas, as reverberações scintilantes do seu formosíssimo espírito.

Com dorimento saudoso passo na *Guarita* e olho, triste, para a sua residência, evocando, respeitosamente, a sua figura esbelta e aprimada, o seu *refúgio* de Arte e Cultura, o seu lar amigo e afável, — a sua *“tebaida,”* hospitaleira e acariciadora onde êle adorou as rosas, escreveu os seus versos e compôs as suas adaptações e peças de teatro.

O Doutor Manuel António Lino foi o grande animador dos *Jogos Florais* de 1925 nesta cidade de Angra do Heroísmo, como o foi de tôdas as grandes iniciativas de Arte e Beleza nesta Terra.

Figura inconfundível — que impunha respeito — foi, de facto, uma das mais belas glórias da sua geração. Viveu a vida do Espírito. Foi um estudioso, um sentimental e afectivo, de fina sensibilidade e temperamento. Nasceu com êle o seu requintado gosto artístico. A escola aperfeiçoa o artista, mas não o cria. (Não se melhora o que não existe...).

Alma moça e gentil — que muito vibrou e muito sofreu — enaltecia nas flores a côr, o perfume e as formas. Coração de poeta — entendia que o Amor devia ser, sempre, servido com flôres, porque o homem não vive só de amor, mas, também, de delicadeza e de poesia.

Por cada linda flôr que murchava e caía no seu viçoso e odorante retiro do *Jericó*, ali aos *“Melancólicos,”* (próximo ao cemitério de

Nossa Senhora da Conceição) morria, igualmente, nêle, alguma coisa de sua, de muito sua...

O Doutor Lino foi um romântico. Um sonhador alado. Um idealista.

Amou as *Letras*.

Amou a *Música* — sublime arte do enlevamento — e a *Pintura* — que sabe ver as belezas *invisíveis* e as sabe tornar visíveis a todos. A vida precisa ser espiritualizada, interpretada pela Arte, ampliada por ela.

Amou a *Natureza* — fonte de tôdas as maravilhas, altar erguido ao amor-próprio, mestra de todos os mestres.

Amou os seus Pais, a sua Irmã, os seus parentes e os seus amigos — com devoção e ternura sem par — reconhecendo, como poucos, que a afeição daquêles, generosa e acrisolada, é das que mais intensamente fazem palpar o coração humano. Sol que ilumina e aquece a Terra, devotamento que tudo dá e pouco ou nada exige, amor, enfim, que espalha, em redor de si, uma atmosfera, enebriante, de felicidade salutar, que só sabem respirar e experimentar os seres normais que a circundam com sincera gratidão e júbilo íntimo.

Conhecia profundamente. Observava em tôdas as revelações esplendorosas da sua culta espiritualidade.

Viu, sentiu e entendeu coisas raras da alma e da terra. Desvendou, encantos e penetrou mistérios. E de tudo isso foi cantor primoroso, em forma rendilhada e leve.

O Doutor Manuel António Lino foi mais do que intelectual — escritor. Mais do que homem de letras — artista. E a todo o passo... poeta!

Publicou a *Luz Bemdita* e *Edelweisse* e levou á scena as *“Rosas e Crisântemos,”*

Natural da Ilha do Pico amou, apaixonadamente, a nossa Ilha Terceira como se a sua pequenina Pátria fôsse, comovendo-se, até ás lágrimas, com a realização e triunfo de tôdas as suas manifestações, altas, de pensamento e acção, sobre tudo as de cunho moral, espiritual e patriótico, pela sua elevação, mimo e significado. Dizia — e bem —

Uma das mais belas

Manuel

Poeta e prosador — Requintada sensibilidade

que não era o oiro nem a prata nem os diamantes que formavam as riquezas dos Povos, mas, sim, o trabalho e o valor dos seus filhos prestimosos.

Os seus livros de estudo e ócio espelhavam a sua inteligência, a sua indole e a sua sensibilidade.

Poeta inspirado e prosador de bem recortada maneira de dizer — o Doutor Lino tinha o culto pela forma — cantou as qualidades da nossa gente e as graças da Mulher — que êle enalteceu fervorosamente — deixando, inédita, uma opereta regional — *“Os Ratos,”* — destinada a um grande sucesso e que os excelentes intérpretes da *Água Corrente* deviam, triunfalmente, levar á ribalta, no nosso amplo e magnífico Teatro.

Nos seus versos — com ritmos e rimas musicais, cheios de lirismo e de sentimentos nobres — exalta a alegria do povo que trabalha e canta em galhardas saudações de paz, amor e fraternidade, e descreve, ora enlevado, ora pungente, os anseios do seu espírito e as amarguras da sua alma repleta de nobres ideais em que perpassam as alegrias do lar, o louco contentamento do regresso á terra-mãe, os encantos da paisagem, a saudade que tortura, o poder da virtude, o amor, a ância de perfeição... O amor que é a alegria das alegrias, que existe no fundo de todo o desejo, de toda a riqueza, de todo o horizonte de delícias, que é, sempre, o escôpo mais elevado e que nunca se atinge...

Há, nos seus sonetos e no *“Ao Luar,”* — conto de Guy Maupassant que êle transformou numa peça em verso, em três actos — equilíbrio, originalidade sã e, de quando em vez, beleza incontestável. São a expressão do pensamento duma personalidade em pleno vigôr mental. Afirmam um talento.

Recto e integro lutou pela vida e, por isso mesmo, confiava em si próprio: — no seu labôr e nas suas faculdades, na sua aptidão e no seu cerebero.

Para êle — homem de bem, muito além de banais e irritantes vulgaridades regressivas — a Moral estava acima de todas as religiões e

glórias da sua geração

António Lino

artista -- Estudiôso, sentimental e afectivo -- viveu a vida do Espirito

de todas as formas políticas de Governo.

Médico distintíssimo — “o *erudito da classe*,” — teve fases luminosas no campo da Ciência e no combate à peste (1908), em que foi grande e foi benemérito, sem o alarido de claqués e com miseráveis campanhas, tendenciosas, na Imprensa, em que, á falta de verdade e de elementos prós, se plagiou o “*andaço*,” no Porto... (1901).

Professor bemquisto do nosso Liceu estava a preceito na cátedra. Nasceu-se mestre como se nasce artista. Mestre, que não é amado pelos seus discípulos, é mau mestre.

Firme, leal e dedicado — amigo certo na hora incerta — sofreu ingratidões oficiais e as agruras do mundo, e dele se isolou. E, ao cabo de uma vida prestante e exemplar, viu-se só, doente, sem família, valendo-lhe, fraternalmente, o desvêlo de dedicações inquebrantáveis que só ele sabia escolher e muito prezava.

O Doutor Lino viu, inalteravelmente, á sua volta, pela vida fóra, nas horas amargas de luta e inquietantes de sofrimento, as mesmas amizades de sempre, — emoção tão grande e tão suave que ele agradecia, cristãmente, com todo o embevecimento da sua ala comovida.

Católico convicto e cumpridor, tolerante — como todo o espírito elevado que vive dum Ideal — generoso — como todo o homem consciente e forte — era intransigente — com austeridade e altivez — em questões de princípios. Bem sabia que os esforços da escola e da religião para fazerem, dos maus e rancorosos, seres simpáticos e magnânicos, são sonhos de alquimistas que quere transformar o chumbo pesado e negro em ouro precioso e reluzente.

Despido de glórias e tocante de simplicidade natural nunca foi ambicioso — de honrarias, dinheiro ou popularidade (cujo valôr dura pouco...). Nunca cubiou lugares de outrem. Nunca fez mal. Nunca procurou fazer mal. Não o desvairaram nem a ambição nem a cubiça — que só géram despeitados, quando cégas e dominadôras; que só produzem tiranos e déspotas, quando em-

papassadas de ódio velho que não cansa. A calma na fôrça é tesouro inviolável, virtude austera. Elevação e nobreza.

Os cargos públicos que chegou a ocupar — fôram impostos ao seu merecimento e á sua honestidade. Não os pediu nem desejou.

Avesso ás agrêstes fainas da *política*, que o irritavam sobremaneira, breve as abandonou, sem pesar. O seu feitio não era molde aos trues e jogos malabares da baixa governança de campanário.

Nesta hora, alta, em que a Nação firma o seu engrandecimento e olha, tranquila, para o seu futuro, o Doutor Manoel Antonio Lino seria um valôr, a contar.

Era esmoler — á antiga — sem explorar a credulidade indígena, sem gritar os benefícios espalhados. A esmola que é proclamada na rua, que faz soar a trombeta da publicidade, não é esmola. É ostentação censurável. É vaidade. É desasosço cêgo de consciência. Deve, ser posta, para desdoiro, ao lado da campanha retinente, na mesa do operador ambulante, vendedor, nos largos e na praça pública, de drogas e elixires, de fórmula desconhecida, (preparações, clandestinas, de efeitos duvidosos, senão maléficcos...).

Filho de um honrado tanoeiro — como os pobres crescem e aparecem! — que, com sacrificios ingentes e provações de toda a ordem, fez do filho um clínico de nomeada e um homem de letras, e que só abandonou a dura profissão quando a idade e as fôrças a tanto o obrigaram, — o Doutor Manoel Antonio Lino idolatrou, publicamente, o seu Pae, sentindo se feliz e orgulhoso quando atravessava a rua e, de chapéu na mão, ia, reverentemente, pedir-lhe a benção e beijar-lhe a mão. Modelar exemplo. Frutificante lição de civismo e de amor filial.

Há anos furtára-se ás lutas públicas. Em inteira posse de todas as suas faculdades isolou-se na paz, monotona e agriðoce, do seu “*tugurio*,” na *Guarita*, seu berço natal e leito de morte.

Quem não o conhecesse e ouvisse florear, atilado e certo, o es-

tilête da ironia — que escarpelisa e disséca — julga-lo-ia, revoltado, mordaz, maldizente. Não suporia que, dentro dele, pulsava um coração efusivo: — bondoso, terno, compassivo... Resignado nos males inevitáveis, conformado, transbordante de fé...

As suas *diatribes* partiam duma alma torturada até ao extrêmo limite em que pôde viver-se sob a tortura sem ficar por ela aniquilado.

O Doutor Lino foi — por último — um doente, um neurastênico, um *vencido da vida*.

O *poeta* amenizou-lhe a tristeza, o mal-estar e os desgostos... Prolongou-lhe a existência...

Modesto — na condição, no trato e na generosidade — semeou o Bem com a consciencia do dever praticado e morreu em paz — que morte edificante! — levando para a Eternidade a certeza consoladora de se ter feito estimar pelo seu feitio sério, incorruptível e bondoso.

Exalou o último suspiro com o plácido socego com que só morre, com que só sabe morrer aquêle em cujo peito se avigorou a convicção íntima de ter sabido dirigir a marcha da sua vida pelos caminhos unicamente trilhados pelos homens de virtude, honra e probidade.

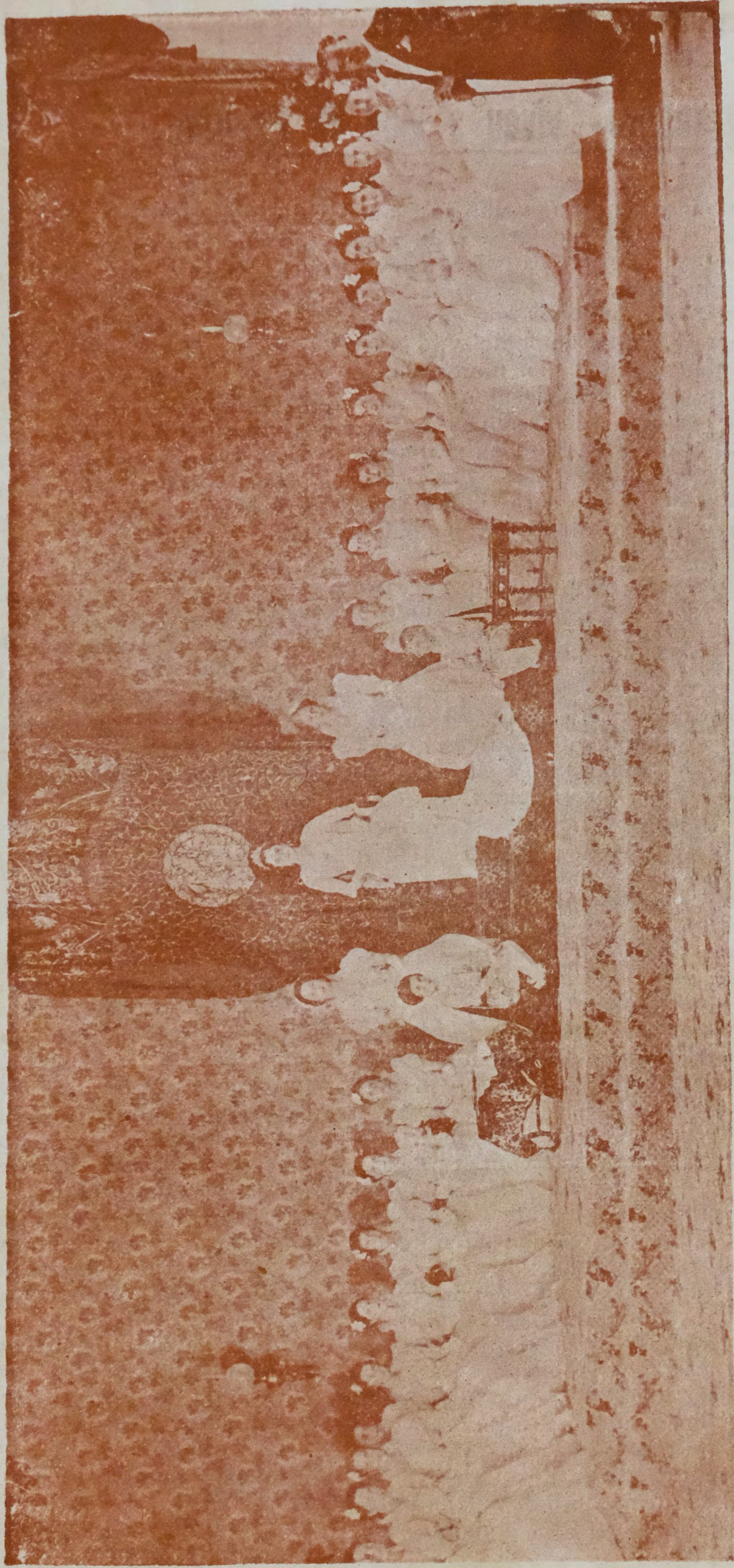
Eis, caros leitores, em linguagem chã e desataviada, deselegante, mesmo — como pobres e descoloridas são tôdas as manifestações do meu *engenho* — a pequenina pedra que, a pedido do “Jornal de Angra,” venho depor, com a devida vénia, no grande monumento de Saudade a erigir á memória respeitável do Doutor Manuel António Lino, falecido, a 14 de Junho de 1927, com 62 anos de idade (4-1-65).

Consumido, já, o seu corpo na terra fria — pela lei imutável e fatal da Morte — viverá, entretanto, perênemente, no coração de todos nós, o seu nome ilustre e aureolado — culto que só se deve aos Homens que se engrandeceram e notabilizaram pelo seu trabalho, valor e saber.

Angra do Heroismo, 7 de Agosto de 1937.

António Ramos Côrte-Real

A côrte e Sua Alteza, Rainha dos Jogos Florais



POESIA POPULAR -- IV Prémio -- (Mote e Glosa)

Mas baixinho, num segrêdo,
Não digas nada a ninguém
Meu amor, eu tenho medo
Que tu me fujas, meu bem.

Quizêra dizer-te, um dia,
E sem sombra de arremêdo
O que em meu peito floria,
Mas baixinho, num segrêdo.

Há quanto tempo eu aneio
Nesta vida, por alguém
Mas besito, com receio...
Não digas nada a ninguém.

Este engano cego e lêdo
De que é teu meu coração
Meu amor, eu tenho medo.
Meu amor, eu tenho medo.

Ao dizer-te em anciedade
— E só isso me detém —
Tenho medo, na verdade,
Que tu me fujas, meu bem.

M A R I A — (*Pseudónimo que oculta uma ilustre senhora continental residente em Angra*)

(Versos lidos pela Sr.^a D. Lucínia de Oliveira)



José Sebastião de Avila Jr.

A poesia é um dos mais excelsos dons que a Natureza oferece aos homens. E' a magia que eleva o espirito ás mais altas esferas do pensamento e da beleza

Ser poeta é ser «alguém». E' possuir uma alma que acompanha, passo a passo, as emoções da vida e das coisas.

O poeta é um louco enamorado de tudo. A sua lira vibra constantemente por entre a tumultuosidade do mundo.

A beleza dum prado verdejante, onde a passarada, baloiçando-se nas frondosas ramagens, canta ao desafio; o murmúrio das fontes e dos ribeiros que correm pelos vales; — enfim, tôdas as belezas em que a terra é pródiga, são exaltadas pela lira do poeta. Ele canta, ri e chora, acompanhando, assim, a vida das coisas e dos homens, e juntando a sua sentimentalidade á dos outros.

«Os poetas são os legisladores do homem e os perceptores da sabedoria» — disse Chateaubriand, o célebre escritor francês do século XIX.

«Eles são — como cantou Cymódoce, uma jovem ateniense — a consolação única da vida. Suspiram com as nossas dôres e dão harmonias aos nossos júbilos.»

*

O Sr. José Sebastião de Avila Jr. é daqueles poetas que, desprezando a onda barulhenta do exibicionismo, preferem compôr as suas produções quasi sob o véu do anonimato. No entanto, os seus trabalhos são, de

há muito, devidamente apreciados pelo público e lidos, sempre, com prazer.

Embora não tenhamos competência para o afirmar, parece-nos, contudo, que a sua especialidade é o soneto.

Nas suas composições adivinha-se logo um espirito de observação profunda e discreta, porque tôdas elas possuem a côr e a expressão dos bons poetas.

Mas, afinal, os poetas não precisam de elogios, porque ninguém, melhor do que eles, sabe sentir o calor do sentimento e a frescura da alegria dos seus versos.

Sómente têmos que tributar-lhes a nossa admiração e foi precisamente isso que pretendemos fazer ao traçar estas destoadas linhas, tanto mais que o valor poético do Sr. José Sebastião de Avila Jr. foi, mais uma vez, confirmado pela menção honrosa que lhe conferiu o júri dos Jogos Florais realizados este ano no Município Angrense.

Costa Júnior

Dois sonetos do Sr. Dr. Manuel Antonio Lino

*Parti cedo, em busca da ventura ;
Anciava conquistar a bela fada
Sedutora, que vive recatada,
No palácio do Sonho, a grande altura.*

*Meti-me por estrada mal segura,
Morava longe a minha doce amada ;
Branquearam-me os cabelos na jornada,
A vida consumi, nessa aventura.*

*De muito caminhar, por fim, cansado,
Sem nunca conseguir minha ambição,
No sólo me abati, a soluçar.*

*E, p'r'ali me quedei, desalentado,
Mirando, com tristeza, a floração
Dos frios edelweisse do pesar.*

*Coração, porque anseias prolongar
Teu martirio, teu áspero sofrimento ;
Se a vida, para ti, é um tormento,
De que a morte te pode libertar ?*

*Pois, ainda, tens forças p'ra rasgar,
Nos espinhos da dôr, do desalento,
As fibras do teu seio turbulento ?
E tempo, coração, de descansar.*

*Busca, na morte, a doce felicidade.
Despede-te da vida, sem saudade,
Sem um pesar sequer, sem um lamênto ;*

*E cubram tuas cinzas, desditosas,
As nevadas corolas, veludosas,
Dos edelweisse de frio esquecimento.*

(Lidos pela Sr.^a D. Maria de Lourdes Peregrino Flores Bruges)



Alvaro de Castro Menezes

pularissimo Júlio Diniz — aplicam-se, justamente, neste momento, em que reservámos para nós a honrosa tarefa de lançar no papel algumas frases de homenagem ao poeta distinto que é o Sr. Alvaro de Castro Menezes.

Poeta distinto, escrevi eu.
Não é bem assim.

Artista dos mais vincadamente *artistas* da nossa terra, honrando uma geração — é que está certo.

Porque, se agora só encaramos a personalidade de Alvaro de Castro Menezes sob a faceta do verzejador, não podem olvidar-se nunca, para só falar nestas, as do pintor e do desenhador — eles da mesma cadeia artística, ensombreada, apenas, por uma excessiva modéstia.

A sua acção cultural e artística — de técnica segura, sem futurismos que nada dizem, nada valem e nada significam — impõe-n'o, desde o seu início, à consideração de quantos o conhecem e todas as gerações que, sucessivamente, o tem tido por mestre na *Escola Comercial e Industrial de Madeira Pinto*, de que é muito ilustre director, bem dizem a hora em que com ele contactaram, aprendendo um pouco do muito que sabe. Já nos Jogos Florais de 1934, a sua lira suavíssima e melodiosa, repassada de um fundo e impregnado lirismo, nos deu o formosíssimo soneto *A Rainha dos Jogos Florais*, que justamente obteve o primeiro prémio.

Transcrevêmo-lo novamente para nosso gozo espiritual, e, porque não somos egoístas, também dos leitores :

“Não faz versos quem quer ;
simplesmente
tange a lira
quem, para tanto,
possua a divina e natural
inspiração.”

Estas palavras, cheias de verdade, que encontramos, um dia, num dos formosíssimos livros do Dr. Gomes Coelho — o po-

*Já lá no Olimpo os deuses versejavam
e no Parnaso as musas graciosas
faziam tanger liras maviosas
aos poetas que alegres as tocavam.*

*Nas côrtes, reis, rainhas, bem amavam
os vates que com rimas sonoras
seduziam as damas mais formosas
— pérolas vivas que os salões ornavam.*

*Hoje, aqui, sois Rainha em festa linda.
Dái a todos a desejada palma
e, se em lides tão maravilhosas,*

*de prazer e de amôr, magia infinda,
são as Artes o grande enlevo d'alma,
transformai, por favor, versos em rosas*



Dr. Henrique da Costa Braz

(Chefe do Protocolo dos Jogos Florais)

Conquistando, este ano, um nôvo troféu, igualmente honroso, Alvaro de Castro Menezes afirmou-se aos olhos de muitos que ainda desconheciam o valôr da sua inspiração, sempre mûça, um vate de inegável merecimento, com lugar seguro, *par droit de conquête*, na vanguarda dos poetas açorianos.

A sua obra poética, que dorme o sono dos justos no canto bolorênto de uma gaveta, injusta e inglôriamente esquecida, merece um pouco da luz bemdita do sol creador.

Fazer versos é difícil, apenas, para os que não tenham alma de poeta ; para os que não possuam, como Alvaro de Castro Menezes, a perfeita sensibilidade artística.

As musas fadaram-n'o e não há o direito de só nos deliciarmos com os seus versos, por ocasião dos *Jogos Florais*, de anos a anos...

Que apareça quem se entregue á edificante tarefa de coligir os versos de Alvaro de Castro Menezes, na certeza de dar aos vindouros um dos mais formosos livros de poesias da lingua portuguesa.

Esse alguém terá direito ao nosso reconhecimento.

Armando Avila

A accção cultural do Município Angrense

Aos municipios pertencem, hoje mais do que nunca, responsabilidades de ordem espiritual ao lado das de ordem material, o que ocasiona, logicamente, a necessidade existente de que á frente das Câmaras Municipais estejam pessoas de alta envergadura moral e intellectual, podendo, conseqüentemente, imprimir uma accção benéfica a favor da cultura e da intelligência.

Os municipios representam um concelho e é em parte da accção dêles que podemos aquilatar dos anseios e aspirações espirituais da população, e, dêste modo, aumentam ainda mais as responsabilidades dos homens que dirigem êsse concelho.

A' frente do Município Angrense está hoje um homem — Dr. Elmiro Mendes — cuja cultura e intelligência, sobejamente comprovadas, são a garantia firme de que por maiores que sejam as responsabilidades do cargo que occupa, elas serão absolutamente cumpridas.

Ao fazer esta afirmação, eu não formulo apenas esperanças, mas confirmo certezas já vividas, já passadas.

Assim é que uma nota de cultura, de sensibilidade espiritual, de gosto artistico, foi dada em Junho último com a realização dos *Jogos Florais do Verão de 1937*, para o triunfo dos quais muito contribuiu a persistencia notável, a accção dinamizadora do Dr. Elmiro Mendes.

O Dr. Elmiro Mendes, tendo a consciencia absoluta das dificuldades grandes que tal empreendimento representava, nada o desanimou e, antes, estimulou para que trabalhasse com maior vontade para poder provar que há na nossa terra os mais variados recursos artisticos.

Do triunfo que representaram os *Jogos Florais*, conclui-se naturalmente que a *Arte* não é monopólio de quem quer que seja, e ainda que *artista* não é apenas aquêlê que faz, mas ainda o que é capaz de sentir o que os outros fazem; que *artista* não é apenas aquêlê que conhece técnicas — por vezes são elementos perversos do gosto — mas ainda o que possui intuição artistica. De resto, o que é difficil é ter essa intuição artistica, porque técnicas aprendem-se e per-



Ramiro Valadão

(da Comissão de Organização dos Jogos Florais)

tencem apenas ao capitulo da cultura e não ao da intelligência.

Mas, não são apenas os *Jogos Florais* que resumem a actividade cultural da Câmara Municipal, mas ainda a publicação, num folheto, de alguns sonetos de Adelaide Sodré, para o qual o Dr. Elmiro Mendes

escreveu uma dedicatória na qual se reflete a sua extraordinária sensibilidade.

Adelaide Sodré, cuja modestia nunca permitiu a publicação, em livro, das suas produções poéticas, tão singelamente lindas, deverá sentir, com certeza, a sua alma cristã satisfeita por saber que na alma dos homens palpita o sentimento da justiça. Outro prazer não poderá ter quem, afastando-se do mundo, procura a satisfação do seu ideal cristão na sombra dum claustro.

Adelaide Sodré, prevendo o seu futuro no belo soneto "As mãos", afirma-nos claramente a sua aproximação, cada vez maior, por uma vida mística, por uma vida inteiramente dedicada aos sofrimentos dos outros.

Nêste século onde há uma crise de idealismo, onde o egoismo campeia, o exemplo de amor e dedicação ao próximo dado por Adelaide Sodré é um exemplo vivo da beleza inconfundível das verdades cristãs.

Louvores, os maiores, merece, portanto, a Câmara da presidencia do Dr. Elmiro Mendes, por ter feito a justiça de arquivar os sonetos de Adelaide Sodré. Fez assim com que se não perdessem no esquecimento do passado, produtos os mais belos duma requintada sensibilidade artistica.

A accção cultural do Município Angrense manifesta se, assim, intensamente, pelo que presto homenagem incondicional ao Dr. Elmiro Mendes.

O Dr. Elmiro Mendes impõe se a mim pelas suas invulgaes qualidades de intelligência, pela sua cultura, pela sua sensibilidade artistica, pela sua accção sem dissimulações e enérgica, pela compreensão perfeita do ritmo novo dos nossos tempos e ainda pelo seu caracter.

Dum companheiro na organização dos Jogos Florais, que com êle viveu tôdas as dificuldades que houve necessidade de resolver, e que, portanto, viu como o Dr. Elmiro trabalha, ser-lhe-há, talvez, humanamente grato ler estas palavras escritas por quem não sabe tecer louvores a quem os não merece, de dizer o que não pensa, de subserviências incompreensíveis para quem pretende ser sempre justo.

Ramiro Valadão

M Ã O S

Há mãos que se erguem docemente unidas
num lindo gesto humilde de oração;
estreitas, maguadas, doloridas,
-- mãos de serenidade e de perdão.

Conheço-as orgulhosas, revestidas
de bom gosto ou de grande ostentação:
as banais, as discretas, as garridas,
as raras de sortilêga atracção...

Mas só bem digo as mãos sacrificadas
(sejam belas ou sejam deformadas)
que abandonam conforto, liberdade,

e vão lavar as chagas dos leprosos
e agasalhar os velhos andrajosos,
as santas mãos d'Irmã de Caridade!

Adelaide Sodré

(Soneto lido pela Sr.^a D. Lucinha de Oliveira)

Damas de hon- nôr e pagens

Da esquerda para a direita e de cima para baixo
as Sr.^{as} D.^{as}

Olga Maria da Silva Costa
Clotilde Ramos dos Santos Moniz
Maria de Lourdes Pires Toste Machado
de Freitas

meninas :

Maria Teresa de Castro Parreira Abreu
Maria Margarida Simões Gomes Borges

Sr.^{as} D.^{as}

Ivone Neves Marques
Mercês de Sousa Mendes
Diva Maria de Medeiros Ourique





Manuel Francisco d'Andrade

A vontade é a maior força com que Deus dotou o indivíduo. A vontade forte, bem orientada e disciplinada vence tôdas as dificuldades, derruba tôdas as barreiras, sobe às mais altas eminências, conduz a tôdas as vitórias. O sangue é a força vivificadora do corpo; a vontade é a energia vitoriosa da alma.

Há 31 anos, no dia 7 de Janeiro de 1906, nascia na freguesia de S. Mateus, desta Ilha, uma criança cuja vida seria, em curto período, atirada aos abismos da orfandade. A mãe chorou o esposo querido, o homem que o seu coração escolhera, que a sua sensibilidade advi-

nhára, e tomando o filho nos braços, uniu-o ao peito, prometendo-lhe com os lábios e com o coração, com lágrimas e com sorrisos, viver para êle, só para êle, que era a vida da sua vida, o amor do seu amor, a realização viva, palpitante e emocionante do seu sonho de esposa. E a viuva do modesto operário que fôra procurar trabalho na Horta, onde a morte o surpreendeu — regressou á sua freguesia, ao cantinho onde a felicidade lhe sorria, certa de cumprir o seu juramento. Iniciou a luta, dedicou-se ao ensino das primeiras letras de algumas crianças. Os ganhos eram poucos, as energias faltaram-lhe, a doença veio e ela, temendo deixar seu filho abandonado, entregou-o ao Cônego José Augusto Pereira, então director do Orfanato.

Aqui, para mim que tenho como certo trazer todo o indivíduo o seu destino traçado pela Justiça de Deus — neste momento é que nasceu o homem, é que se lhe abriu o caminho que ia percorrer na vida. Foi assim, sem pai que o protegesse, sem mãe que o acarinhasse; foi ali, na solidão moral de uma casa de caridade, que a sua alma encontrou o ambiente desejado, preciso á sua evolução.

Cedo se manifesta a sua inteligência, cedo se empenha a sua vontade. Aos 16 anos, além de outras poesias, publica um soneto de

homenagem ao Director do Orfanato, e alguns artigos no diário "A União,,. Animam-n'o. E' a primeira compensação moral, é a primeira luz que se acende na sua alma, o primeiro estímulo para as vitórias futuras. Em 1934 foi premiada em segundo lugar, nos Jogos Florais, a sua poesia "Touradas na Minha Terra,,. No Torneio Artístico e Literário, obteve um prémio. Obtém o curso da Escola Madeira Pinto, com 16 valores, a classificação mais alta dêsse ano. No ano em que concluiu o curso comercial, fez exame do 3.º ano do Liceu, com 15 valores; no ano seguinte, fez exame do quinto ano, com 15 valores, e, no ano imediato, obteve a classificação de 14 valores no curso complementar de letras. No concurso para o Banco de Portugal foi classificado em primeiro lugar.

Venceu! A dôr que o feriu logo ao amanhecer da vida, foi energia divina que lhe fecundou a alma e lhe deu ânimo para a luta e força para a vitória. Há lágrimas que são pérolas, sombras que são esteiras luminosas, solidões que são centros de movimento moral que agitam o indivíduo, emocionam o coração, falam á alma e encaminham uma vida. A voz da solidão é a voz de Deus.

Raimundo Belo

ADELAIDE SODRÉ

Alma delicada de Mulher, que soube transmutar ideais numa esquisita e rara alquimia, vencendo o coração, dando-o todo, generosamente, ao Bem, à Caridade inefável.

A sua lembrança perdura naquêles que souberam descobrir os dons com que Deus a dotára, predestinando-a à missão sublime a que votou a sua vida.

Da última vez que a vi, no hábito talar das Irmãs Vicentinas, no cenário magnífico da Ilha da Madeira, trouxe comigo um pouco da doçura e da paz que a envolvia e que dela irradiava. O turbilhão da vida, o mundo, foi pouco a pouco desgastando êste estado de alma de serenidade, mas ficou-me sempre a sua imagem azul e branca a incitar-me a buscar o caminho da Verdade.

A beleza e a graça dos seus versos, que vão dizer-se nos Jogos Florais do Verão de 1937, na cidade de Angra do Heroísmo da Ilha Terceira, merecem bem esta consagração.

À sua consciência superior, outro mérito não tem a homenagem do Município Angrense, senão mostrar-lhe que os homens cultivam ainda as mais belas fiôres do sentimento.

Elmiro Mendes

Angra, Junho de 1937.

(Da Publicação da Comissão Organizadora dos Jogos Florais de Angra do Heroísmo, no Verão de 1937, em homenagem à distinta poetisa terceirense).



Adelaide Sodré

POESIA FILOSÓFICA -- Menção Honrosa

Mote

A desferir o espaço, em anseios profundos,
Minha alma em nostalgia, ávida de saber,
Banhrou-se em luz astral, no turbilhão dos mundos,
Para ver o que foi e o que poderá ser.

Glosa

I

Tão leve como a brisa etérea a soluçar
entre as rosas gentis e os cravos rubicundos,
branquinha como a lua ou espuma do mar,
a desferir o espaço em enseios prsfundos,

II

e a subir, a subir num brilho diamantino
foi superior à morte, à dor e ao prazer,
igualou-se em pureza a candido menino,
minha alma em nostalgia ávida de saber.

III

E na ambição sublime de tudo desvendar,
embrenhou-se, a sorrir, nos páramos fecundos
do pensamento humano e librando no ar,
banhrou-se em luz astral no turbilhão dos mundos.

IV

Depois, foi até Deus e no Seio Divino
espera confiada, a graça de morrer
o corpo sem valia, mesquinho, pequenino,
para vêr o que foi e o que poderá ser.

Maria Josefina Amarante do Canto e Castro

Horta — Faial

(Poesia lida pela Sr.^a D. Lucinia de Oliveira)

POESIA NACIONALISTA -- Menção Honrosa

Mote

Lusitanos, herois duma epopeia,
Argonautas de gestos sublimados,
Ousaram ter um dia a magna ideia
De ligar dois paizes bem fadados,
Por ares nunca dantes navegados.

Glosa

Lusitanos, herois duma epopeia,
Escrita em frases d'oiro na história,
Herdeiros de Nun'Alvares pela glória,
Pela fé, pelo amor que tudo ateia
Nos campos em que a morte não perdôa ;

Argonautas de gestos sublimados
Que em fracas caravelas, destemidos,
Em busca de arrebois apeteceidos
Levaram pelos mares ignorados
O sol da fé e a cruz de Portugal ;

Sucessores de Gama e de Cabral,
Depois de conquistarem terra e mar,
Ousaram ter um dia a magna ideia
Do preito heroico de inscrever no ar
Um nome inesquecível — Portugal !

E ei-los, — pigmeus com alma de gigantes —
Cruzando céus que nunca foram dantes
Senão caminho d'aguas e condôres,
Na ânsia estranha — indômitos soldados —
De ligar dois paizes bem fadados.

Bemdito, pois, o Pôvo d'Aventura
Que aos filhos deu a benção paternal
No "raid," gigantesco, triunfal,
Das asas de Coutinho e Sacadura
Por ares nunca dantes navegados.

José Maria Raposo de Medeiros

Ponta Delgada

(Poesia lida pela Sr.^a D. Cristiana Soares)

RIBEIRINHA CORREDIA-Poesia bucólica, ad libitum-Menção Honrosa

Ribeirinha corredia,
sempre a correr, a correr,
nem cantigas, nem carinhos
podem teu curso reter . . .

Nem cantigas, nem carinhos,
afagos de lavadeira,
nem verduras destas margens
e trilos de ave fagueira . . .

Sempre a correr, a correr,
nada a ribeira detém ;
a murmurar, transparente,
ei-la, correndo, lá vem !

Quando a vejo, assim inquieta,
de pedra em pedra, saltando,
lembro-me sempre da vida
de dor em dor deslizando . . .

Os seus murmúrios são risos,
horas de felicidade,
e a brincar, muito mansinha,
lembra horas de saudade . . .

E vida e agua lá vão
sempre a chorar e a cantar . . .
— A Vida : rumo da morte ;
a água : rumo do mar !

MALVA-ROSA

(D. Maria Evelina de Faria e Maia Aguiar — Ponta Delgada — S. Miguel)

(Poesia lida pela Sr.^a D. Germana Pimentel)

POESIA POPULAR -- Menção Honrosa

Mote

Mas, baixinho, num segrêdo,
Não digas nada a ninguém ;
Meu amor, eu tenho medo
Que tu me fujas, meu bem.

Glosa

Mas, baixinho, num segrêdo,
Pedi-te um beijo — fugiste...
Agora, se não acedo
△ beijar-te, ficas triste !

— *Não digas nada a ninguém...*
Suplicaste — e prometi.
Só disse ao teu pai e mãe
E ao teu *namôro* o que vi...

— *"Meu amor, eu tenho medo*
Dos beijos...," — disse, a chorar,
E, acrescentando : — "Concedo...,"
Fui a primeira a beijar.

Meu amor, eu tenho medo
De te falar no terreiro...
O bordão de marmeleiro
De teu pai — *não é brinquedo.*

Que tu me fujas meu bem,
Não me causa a menor mágua.
A água do mar vai e vem
E é sempre a mesma água !

Que tu me fujas, meu bem ?...
Voltarás, não me dás mágua :
A água do mar vai e vem
E é sempre a mesma água !

Versejador como há muitos

(Dr. Henrique Braz)

(Poesia lida pela Sr.^a D. Maria Antonieta Braz Ramos Côrte-Real)

POESIA POPULAR -- Menção Honrosa

Mote

Mas, baixinho, num segrêdo,
Não digas nada a ninguém ;
Meu amor, eu tenho medo,
Que tu me fujas, meu bem,

Glosa

I

Vem meu bem, conta-me tudo,
(Sê franca, não tenhas medo,
— Eu cá por mim serei mudo)
Mas, baixinho, num segrêdo...

II

Que me queres com firmeza
É que eu te adoro também
Disso temos a certeza :
Não digas nada a ninguém...

III

Este amor, puro e profundo,
— Mas que é sempre cego e lêdo —
Deve isolar-nos do mundo ;
— *Meu amor, eu tenho medo...*

IV

E' por ser grande êste anseio
— Tortura... e gôso também —
Que, às vezes, tenho receio
Que tu me fujas, meu bem.

Cardo Rôxo

(José Sebastião de Avila Júnior)

(Poesia lida pela Sr.^a D. Maria de Lourdes Peregrino Flôres Bruges)

Colaboradôres prestimosos dos Jogos Florais



Da esquerda para a direita :

a Sr.^a D. Maria Izabel do Canto
de Barcelos Coelho Borges,
presidente do jury ;

o Sr. Dr. Luís da Silva Ribeiro,
membro do jury ;

a Sr.^a D. Ana Raimunda Sieuve de
Menezes Rocha Alves,
da Comissão de Organização.

Dr. Henrique Ferreira de Oliveira Braz

Muito embora não tivesse solicitado a honra de escrever algumas palavras de homenagem ao Dr. Henrique Braz, quiz o director do "Jornal de Angra," atribuir-me esta tarefa, que imediatamente aceitei, por representar um imperativo dever de gratidão e, ainda, por me trazer a oportunidade de, publicamente, lhe testemunhar toda a grande simpatia e admiração que me merece desde ha treze ou catorze anos.

Como não se trata duma biografia, não fui rebuscar aqui e ali elementos que me habilitassem a reconstituir, integralmente, toda a sua vida de açoreano, que tanto tem honrado a terra em que nasceu. Procurei, apenas, um amigo do seu tempo, que me falasse desse passado que vai além das minhas recordações, pois a partir duma certa época eu, com o único auxilio da memória e das impressões fortes que registara, completaria esse lapso de tempo.

Nesta ordem de ideias lancei mãos á obra, nesta tarde cinzenta, chuvosa, nada propicia ao labôr intelectual, aguilhoado pelo compromisso de enviar para a tipografia quatro linguados cheios de prosa, forçadamente arrastada e fronxa pelas condições de trabalho em que a realizára e ainda por carência de outras virtudes que por imodestia não exponho agora.



Doutor Henrique Braz

Ao passar em revista as situações de destaque e os lugares de mando que occupou por mérito incontestável, adivinha-se que desde cedo tivesse revelado essas qualidades que o distinguiriam do comum dos seus colegas. Assim, aluno laureado do Liceo, enfileirava ao lado dos melhores e deve dizer-se que a sua geração não foi parca em homens distintos, pois entre outros dela saíram José Agostinho, Luís Adão, etc.

Já virtualmente possuia aquêl dom magnifico da palavra, que fez dele um dos mais belos tribunos politicos e do fóro; porisso foi escolhido para lêr uma mensagem a Suas Magestades, quando da visita régia aos Açores.

Em Coimbra, com o entusiasmo da sua juventude estuante de seiva magnifica, alistou-se na hoste aguerriada dos rapazes que sonhavam um porvir melhor para Portugal, amarfanhado e corroído pela vermina politica da comédia monarchico-constitucional.

Com uma mocidade generosa e altruista, não podia deixar de ser generoso o seu ideal.

Na mudança de regime, Henrique Braz, já então advogado brilhantissimo, veio occupar a suprema magistratura do distrito -- foi o primeiro Governador Civil da República -- e sucessivamente Presidente da Câmara, Presidente da Junta Geral, Deputado ás Constituintes, Senador em todas as legislaturas e

Chefe de Gabinete de Antonio Granjo.

Cansado e, porventura, desiludido, votou se ao ostracismo, não obstante reconhecer que os homens de hoje, animados de outra ideologia, só procuram engrandecer a Pátria, valorizando-a e fortalecendo-a, seguindo a lição magnifica do Chefe.

Sob este ângulo de visão -- a faceta politica -- Henrique Braz appareceu-nos nos primeiros planos, mas não somente neste sector se distinguiu, pois na sua vida profissional tem-se apresentado como caudico de grande mérito. O culto da forma e da beleza que inspira toda a sua acção, transporta-o para os próprios domínios do fóro e os seus recursos, apelações e defesas revestem uma notável elegância estilística, quando não são notáveis peças oratórias que se perderam em admiraveis improvisos.

Como Poeta e Literato culto e delicado, não o apreciarei em detalhe, pois os leitores deste numero comemorativo dos Jogos Florais de 1937, tem uma das suas produções sobre a qual poderão basear os seus juizos de valor. Nela se descobre a delicadissima sensibilidade de artista, sensibilidade requintada que informa toda a sua vida e que é sua verdadeira nota essencial, que o define e distingue.

Elmiro Mendes



A Sr. D. Maria Cristina de Mesquita Borba

Membro do Júri



A Sr.ª D. Maria Luiza de Ornelas Ourique

Da Comissão de Organização

Desta maneira falou Ramiro Valadão:

Arquivamos, a seguir, tão fielmente quanto nos foi possível reconstituir, pelos apontamentos tomadas na ocasião, o discurso do distinto académico universitário sr. Ramiro Valadão, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, discurso que ficou a vincar mais uma afirmação brilhante do seu talento e da sua cultura:

Senhora, Rainha nossa:

Nêste instante, a minha imaginação e só ela, evoca uma manhã cheia de sol da meia idade em que cavaleiros partiam para a guerra. E eu vejo aquêles homens que em defeza da Fé e da Pátria iam partir para terras longínquas, com seus corceis, ao pé dum castelo que domina um vale.

Entre êsses homens ha aquêles que vão procurar na guerra ensejo para que mais uma cicatriz lhes recorde uma epopeia gloriosa, um feito notável, e há também, os que armados cavaleiros na véspera, partem pela vez primeira a fim de cumprirem o seu juramento prestado à Virgem Santíssima. Mas todos êles levam no pensamento e na alma aquela ideia que mais tarde o insigne historiador espanhol Menendez e Pelayo havia de concretizar na seguinte frase:

O melhor meio de andar na terra é com os alhos fitos no céu.

Os cavaleiros partiam e, quando numa nuvem de poeira perdiam o castelo de vista, escondido por outra colina onde novo castelo porventura havia, um outro quadro menos épico mas também verdadeiro e sentido, surge ante a minha imaginação.

Não se desenrola êle nas planuras entusiásticas que o sol bate, não tem a animá-lo o movimento deslumbrante de escudos e espadins, mas vive-o a tristeza negra dos salões do Castelo, onde mulheres e noivas choram, com certeza, a partida de entes queridos para regiões donde tantas vezes se não voltava.

E' essa sensibilidade requintadamente feminina—e aí das mulheres quando não a tenham porque em minha opinião deixam de o ser—que me impressiona e me agita neste momento em que vos quereria falar da Mulher, da Beleza e do Amor.

Essas mulheres que haviam saído nessa época dum período de escravatura, mercê do culto imenso que a cavalaria tinha pela Virgem,

certamente encontrariam junto a um quadro de Maria Santíssima algum conforto moral para as suas dôres, para as suas tristezas.

Decorriam tempos e, enquanto a guerra não terminava, quando algum trovador assomava às portas da Alcáçova, era sempre com prazer que era recebido, e em salões organisavam-se festas onde os donzeis poetavam sobre o Amor, sobre a Mulher.

E o amor, suprema incarnação da espiritualidade — era tema inesgotável para aquêles que construíram a poesia da época.

Ontem como hoje, de resto, a poesia vive quasi inteiramente dêsse sentimento característico dos homens e que Cristo ensinou no mais elevado grau, aos seus discipulos.

Tem aqui a sua génese os Jogos Florais que, seguindo a opinião de ontem, preferia chamar Côrtes de Amor. Perdõe-me o illustre Presidente da Câmara, visto ter-se ele referido às poesias épicas, mas que representam elas, senão amor à Patria?

Amor, sempre Amor!

Na nossa terra realizam-se também êste ano, as *Côrtes de Amor*, os *Jogos Florais* do verão, mercê de iniciativa da Câmara Municipal, á qual presto as minhas homenagens.

E esta nota, consoladoramente espiritual, que vem afirmar os nossos anseios morais, concretiza numa festa linda de encantar, onde a Beleza se alia á Inteligencia, uma comunhão de ideal.

No homem existem dois mundos diferentes: o mundo do espirito e o mundo da matéria. Para que a

nossa consciencia se sinta satisfeita, necessário se torna que o primeiro domine o último, que o homem domine a fera, e só contribuindo para que isso se dê, teremos realizado a nossa obra nacionalista.

E' preciso agitar a ideia de supremacia do espirito, para que os nossos descendentes possam contemplar maravilhados aquêles mármores do Partenon, que a todo o momento nos gritam a inteligencia dum Fidias, a glória imorredoura do século de Péricles, a existencia da civilização grega; possam contemplar sem que digam para nada servir, as obras primas da Antigüidade, um quadro de Ticiano ou de Goya, de Rubens ou de Van Dick, e continuem a trabalhar para glória sua e glória da Patria.

Exaltêmos o espirito para que os que vierem depois de nós possam edificar aquilo que não morre, que perdura através os séculos, para além da nossa vida, as obras de arte.

Por isso é que desejaria eu que estas horas de beleza grande que V. Ex.^{as} estão vivendo, não tivessem a duração efêmera das rosas de Malherbe, mas perdurassem na vossa memória como uma recordação viva de grandeza espiritual.

Ficaria de mal com a minha consciencia se terminasse as minhas palavras sem saudar a Rainha desta festa.

Rainha, Senhora nossa:

Vós sois, por natureza, Rainha de Beleza e de Inteligencia e, assim, é que por muito que eu quizerá dizer, ficaria sempre áquem da verdade.

As minhas palavras nunca poderiam exprimir o quanto de verdadeiramente belo vive a minha alma nêste momento, e o entusiasmo queias porventura tiveram, devo-o também á beleza e ao amor. A presença de alguém nesta festa, ainda que longe do trono, no meio da multidão que me ouve, fez com que o meu espirito pudesse exaltar o melhor que pode o Amor e a Beleza.

E é por isso que, esquecido dos protocolos, eu me vou perdendo em considerações várias sem me referir a Vós.

Mas palavras não tenho mais para vos dirigir condignamente, desejando que tudo quanto eu disse se transformasse, como outróra no milagre da Rainha Santa, em rosas que eu pudesse depor a vossos pés Rainha, Senhora Nossa.

A ESCOLTA DA RAINHA

A rainha, Sr.^a D. Maria Leonor Braz Ramos Côrte-Real, foi conduzida num coche especial para os Paços do Concelho, sendo o coche escoltado por quatro garbosos cavaleiros, vestidos a rigôr e com as montadas ajazadas a preceito.

Os cavaleiros eram os Srs. Raul Pacheco Carvalho do Canto Brum, Manuel Homem Lemos de Menezes, José Albino Pacheco Fernandes e Guilherme Carvalho do Canto Brum.

O cerimonial da saída foi idêntico ao da entrada.

A colaboração da orquestra Henrique Vieira

A magnífica orquestra que o maestro Henrique Vieira da Silva tão proficientemente dirige e tão desinteressadamente está sempre pronta a colaborar em tôdas as festas de arte e de beneficência que se realizem na nossa terra, fez-se ouvir, também, no Salão Nobre da Câmara Municipal, na noite de 24 de Junho.

Os trechos executados foram os seguintes :

Marcieta, de * * * ;
Minuette, de Dussek ;
Canzonetta, de Ambrosio ;
Poëme, de Drdla.

Escuzado será dizer que todos estes números foram primorosamente executados.

OS PRÉMIOS

Nos Jogos Florais do verão de 1937 foram instituídos quatro artísticos prémios assim atribuídos :

1.º — *Rosa de ouro* — ao Sr. Capitão António Maria da Silva Mendes, que concorreu sob o pseudónimo de *Antonio Lemos Machado*, que o ofereceu novamente à Câmara Municipal ;

2.º — *Botão de rosa* — ao Sr. Alvaro de Castro Menezes, que concorreu sob o pseudónimo de *Legionário* ;

3.º — *Malmequer de ouro* — ao Sr. Manuel Francisco de Andrade, que concorreu sob o pseudónimo de *Ditosa Pátria que tais filhos tem* ;

4.º — *Caravela de ouro* — a *Maria*, pseudónimo que oculta o nome de uma ilustre senhora continental e que, por vontade expressa da autora, foi entregue á também á ilustre Sr.ª D. Maria Izabel do Canto de Barcelos Coelho Borges.

Além destes quatro prémios foram atribuídas menções honrosas a:

D. Maria Evelina Faria e Maya de Aguiar (Ponta Delgada); D. Maria Josefina Amarante do Canto e Castro (Horta); Dr. Henrique Braz, José Maria Raposo de Medeiros (Ponta Delgada) e José Sebastião de Avila Junior.

O que disse o Sr. Dr. Elmiro Mendes, ao encerrar os Jogos Florais

Com a sua voz sempre quente e vibrante, por vezes, agora, repassada de uma certa e bem justificável emoção, o ilustre presidente do Município Angrense, Sr. Dr. Elmiro Mendes, encerrou os Jogos Florais do Verão de 1937, como havia sido anunciado no programa lido pelo Chefe do Protocolo, Sr. Dr. Henrique da Costa Braz.

Num feliz e brilhante improviso que bem denota a inteligência e a cultura de S. Ex.ª, o Sr. Dr. Elmiro Mendes fechou os Jogos Florais, na verdade, com chave de ouro.

Palavras de agradecimento e de louvôr foram as suas, bem sinceras, para quantos, com S. Ex.ª colaboraram e, com a sua dedicação, persistência e amizade, o animaram sempre a prosseguir na realização dos Jogos Florais, vencendo a resistência passiva de alguns...

Justamente sublinhadas com *apoiados e muito bem*, por parte da assistência de elite que enchia, por completo o salão, foram as palavras que o ilustre presidente do Município Angrense dirigiu, em especial, à Sr.ª D. Ana Raymunda Sieuve de Menezes Rocha Alves e ao Sr. Dr. Henrique Braz.

Passou o Sr. Dr. Elmiro Mendes, sucessivamente, em revista, o decorrer dos Jogos Florais, não escondendo, a par da emoção que revestiu as suas palavras, a alegria que lhe ia na alma por aquêles certâmes culturais ter resultado brilhante.

Para tanto, — disse o Sr. Dr. Elmiro Mendes — tinha também contribuído, duma forma notória, a graça e a distinção com que tôdas as poesias haviam sido lidas, bem merecendo as gentilíssimas senhoras que dessa ingrata tarefa se encarregaram, as palmas vibrantes que ouviram da assistência.

Outras colaborações que se põem em relevo

Algumas pessoas mais, além das já citadas, merecem, pelo muito que fizeram pelo brilhantismo dos Jogos Florais, que lhe arquivemos aqui o nome. São elas :

Sr.ªs D.ª Maria Tereza Sanches Franco Coelho de Lima e Maria João de Mesquita Borba e o sr. António Lino Ramos dos Santos Moniz, que tirou tôdas as fotografias.

Cumpre-nos informar aqui, por dever de lealdade, que as gravuras que neste número faltam, não puderam ser executadas nas «Artes Gráficas», de Ponta Delgada, como as demais, pela simples razão de, apesar de bastantes vezes solicitadas e até instadas, as respectivas fotografias, nunca nos terem sido entregues.

A ASSISTENCIA

Entre as muitas pessoas que assistiram aos Jogos Florais, contam-se os Srs. Dr. Carlos Alberto de Oliveira, Governador Civil Efectivo ; Dr. Joaquim da Rocha Alves, Governador Civil Substituto ; Capitão João Coelho Borges, Comandante da Polícia de Segurança Pública ; Coronel Feliciano António da Silva Leal ; Presidente da Junta Geral Autónoma e da Junta Autónoma dos Portos ; Coronel Alvaro Soares de Melo, Comandante Militar dos Açores ; 1.º tenente Aristides Moraes Serrão, Capitão do Porto ; Dr. José da Natividade Coelho, Juiz de Direito ; Dr. Luiz Pereira, Delegado do Ministério Público ; Mário Damiense de Medeiros, Director Escolar Distrital ; António de Castro Côrte-Real, Director de Finanças ; Dr. Teotónio Machado Pires, Chefe da Secretaria da Junta Geral Autónoma, etc., etc..